

OUTRA POLÍTICA TURÍSTICA UM MELHOR APROVEITAMENTO



Albufeira, uma das praias mais concorridas da nossa Província, onde poderiam ser construídos um ou mais hotéis do tipo Intermediário

ABRIU A I FEIRA DO LIVRO EM PORTIMÃO

NA Praça Teixeira Gomes abriu na tarde de sábado passado a I Feira do Livro, organizada por iniciativa do Grupo «Amigos de Portimão», com o patrocínio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, da Comissão Regional de Turismo do Algarve e da Câmara Municipal de Portimão, em colaboração com o Grémio Nacional dos Editores e Livrários, certame que despertou bastante interesse não só entre os habitantes, como junto de milhares de turistas que se encontram na praia.

A cerimónia inaugural teve a presença do presidente da Câmara Municipal, eng. Neto Caboz, do presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve, dr. José Manuel Teixeira Gomes Pearce de Azevedo, e do sr. Gentil Marques, em representação da Secretaria de

(Conclui na 6.ª página)

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA

NOTA da redacção

AS reclamações são constantes: há falta de pessoal competente na indústria hoteleira do Algarve. Enfim, há falta de outras coisas, também. Mas quanto aos empregados dos hotéis... Alguma coisa se tem feito nos últimos anos e muito se tem lucrado com a existência da Escola Hoteleira de Faro. Mas as necessidades são grandes, há falta de pessoal hoteleiro, como em muitos outros sectores industriais.

No entanto, há cada vez mais gente à procura de empregos, chegando a aceitá-los no estrangeiro, precisamente no mesmo ramo. Trata-se apenas de uma questão de remuneração. Em certos países, ganha-se como empregado de restaurante ou equivalente a outras funções socialmente elevadas no nosso país. Pessoas que nunca desempenhariam tal lugar, se fossem mal remuneradas, são atraídas pelas condições diferentes economicamente vantajosas que lhes oferecem no estrangeiro. Especializadas ou não, essas pessoas desempenham-se do cargo, muitas vezes sem outras habilitações além do grande desejo de ganhar a vida o melhor possível. E vão mantendo o emprego porque, de parte a parte, há interesse, visto escassear, também, a mão de obra.

E não se sentem diminuídas com

A estação da C. P. em Monte Gordo é uma armadilha para os viajantes incautos e traz descrédito à famosa praia

A NOSSA Redacção tem chegado queixas de pessoas que por serem de longe e desconhecerem o meio, desembarcam na estação da C. P. em Monte Gordo, no comboio proveniente de Lisboa que ali passa cerca das 2 horas da manhã.

Dizem-nos que encontram tudo às escuras, sem ninguém que os atenda ou lhes dê qualquer indicação e sem um automóvel, carrinha ou outro meio de transporte que os conduza à povoação, a cerca de dois quilómetros.

Pergunta-se: dado o descrédito que tal estado de coisas acarreta a Monte Gordo, e os prejuízos sofridos pelos viajantes incautos, não seria preferível fechar a estação ao sol-posto e avisar o público de que as ligações, de noite, eram feitas por Vila Real de Santo António?

AO SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

as novas funções porque são recompensadas convenientemente. Quanto à indústria local, o problema é diferente. A não ser os bons lugares, os outros são modestamente remunerados e a questão económica mantém-se, mesmo que se trate de pessoal especializado. Daí, a fuga migratória e a tentativa para evitar uma solução que desagradará de certeza à maioria.

Estamos certos de que, desde que se criem boas condições de remuneração ao pessoal hoteleiro, também este acorrerá com maior entusiasmo a uma função hoje essencial para o desenvolvimento turístico da nossa Província.

FIGURAS QUE NÃO ESQUECEM

GERALDO DE MAGALHÃES

A MINHA saudosa homenagem! Quem era? Não se recordam? Homens, senhoras com 60 anos, não me digam que se não lembram dele, nem das suas canções: «Quando a lua nasce por detrás da verde mata, até parece um sol de pra-

A GORA que estamos em plena época estival, o Algarve é pequeno para todos os que nos visitam de Barlavento a Sotavento. E nesta altura que desejaríamos ter mais hotéis, mais praias e maior boa vontade para atender todos os que escolhem esta Província para as suas férias.

Infelizmente, os espaços são limitados e as possibilidades também. Milhares de turistas conseguem alojamento, mas outros milhares ficam mal alojados ou têm de desistir e procurar férias noutros locais. De ano para ano, somos mais assediados, mas a situação não melhora para o estrangeiro. O que lhe podemos oferecer pouco

(Conclui na 4.ª página)

NA TERRA DA GENTE QUE FUGE

por Pedro Xavier

SALIR: O PROGRESSO NÃO É DE TAIPA

PRESENTEMENTE a grande discussão desta terra é a estrada.

As opiniões repartem-se. A Junta de Freguesia projectou há já algum tempo um troço de estrada parcialmente já construído hoje. Esse troço ligará o Pontão (junto às primeiras casas que encontra quem vem de Loulé) ao Posto, onde aliás reside o presidente da Junta. O troço atravessará uma propriedade do tesoureiro da Junta e outras propriedades. O desatendimento começa logo aqui: enquanto uns querem a estrada por lá para valorizar uma possível venda de terrenos para construção, outros não querem as suas terras devassadas. Os comerciantes por sua vez também não engraçam com a ideia da estrada. E o povo? Ora o povo deseja a estrada. «A gente vinha logo com os carros por aqui» — disse prontamente um homem. «Era mais alguma coisa para a terra» — disse uma mulher. «Isso é lá com eles, com os ricos. Eles é que decidem, cá a gente sofre ou se alegra. Olhe para mim nesta idade com os pés para a cova, tanto me faz. Eles que decidam» — desabafou uma tia vestida de negro que ali estava sentada a fazer uma empreitadilha.

Sair e o seu problema do troço da estrada. Mas há outros problemas: houve gente a quem o terramoto fez massa valente e ninguém se interessou por ela. Souberam que noutros lados o Estado deu subsídios e empréstimos e logo prontamente um homem: «Então diga-me lá vomecê, não pertença à Junta e à Câmara interessarem-se um bocadinho mais por nós?»

E o que tem esta terra de indústria? Ironia. E a agricultura? Os braços fogem e as soluções não se aproximam com um programa agrícola modernizado e cooperativo. E a vida desta gente? Há ali um café onde a malta se reúne e a associação? Onde?

Pois Salir tem muitos problemas e as soluções não podem ser construídas em taipa como aquele castelo árabe, símbolo de um tempo que teima em vir para o interior do Algarve. O turismo ainda não descobriu os panoramas surpreendentes desta terra e seus arredores.

E o que quer com toda a urgência esta gente salirense? É fácil enumerar: no Monte do Poço e na

(Conclui na 6.ª página)

LOTARIAS E TOTOBOLA
CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

por Álvaro Magno Guerreiro
ta, prateando a solidão», «Oh, Geni, meu sincero amor», etc.
Eu explico, então: Geraldo era um brasileiro de cor, mas de alma
(Conclui na 4.ª página)

INCONGRUÊNCIAS NO ENSINO

por Maria de Oihão

TÃO manifesta é a nossa ânsia de promoção do indivíduo, que se estimula até nos órgãos de informação e muito em especial na TV,

CORRIDA DE TOUROS em Vila Real de Santo António

HOJE à noite, no tauródromo vila-realense, realiza-se uma corrida de touros à portuguesa com os cavaleiros Gustav Zenke, Frederico Cunha e José Luis Sommer de Andrade. Pegam os forçados amadores académicos de Vila Franca de Xira, capitaneados por Miguel Palha Van Zeller. Os seis touros da corrida são da ganadaria de João Gregório.

a matrícula neste curso ou naquele onde há falta de pessoal qualificado, onde o uso de tal farda ou a magia de uma sala de operações ou de um laboratório pode concitar motivos de opção, tanto mais que a orientação profissional é, raramente, conhecida dos nossos estudantes. Parece, pois, que a tais incentivos, a tais chamamentos, deverão corresponder condições de sobrevivência que não levem os interessados a desistir do sonho ou da escolha motivada, em parte, por esses anúncios. Bem sabemos que para apreciar o perfume da rosa jamais nos lembramos dos espinhos do caule, mas se nesta fase de arranque para a alfabetização do país e com o prolongamento da escolaridade para 6 anos, pretendemos desbravar mais cérebros e iluminar, portanto, mais inteligências não podemos esquecer o primordial papel do professor. Ele, como todos os portugueses quali-

(Conclui na 7.ª página)



É tempo de as rugas do individualismo darem lugar nos terrenos do interior algarvio ao associativismo, à cooperação e à participação das gentes rurais na discussão dos problemas...

É PRECISO REFREAR OS LADRÕES DE SILÊNCIO

por Sebastião Leiria

É PRECISO punir, sem demora, os «ladroes de silêncio», aqueles adolescentes que, a desoras, passam e repassam com os motores das suas bicicletas vomitando o mais odioso dos barulhos. São os «ladroes de silêncio» e com tal procedimento roubam as horas de sono de quem, após um dia de trabalho esgotante, tem imperiosa necessidade de dormir, a fim de que possa, no novo dia, já recomposto, dar continuidade a mais uma jornada de trabalho, trabalho que é pão, que é vida sua e de seus filhos, que é o indispensável contributo sobre que assenta todo o edifício social. Roubam também a saúde daqueles a quem sujeitam sob o estrepitoso roncar de tais máquinas fúteis, porque esse contínuo e irritante estrondar, à mais alta força, dilacera os nervos, justiga-os como impledozido chicote, cria um estado de excitação e de desespero que põe as

peçoas fora de si, deixando-as indubitavelmente doentes.

Eles roubam a paz das suas vitimas, pois não há mais tranquilidade
(Conclui na 7.ª página)

À saúde
é a maior riqueza
ENQUANTO É TEMPO

Nas crianças, amígdalas doentes e aumentadas de volume comumente causam resfriados e doenças dos ouvidos e da garganta. Se não houver tratamento adequado, poderão sobrevir as mais sérias complicações, tais como anginas, pus nos ouvidos, bronquites, pneumonias, etc.

Se o seu filhinho se resfria frequentemente leve-o ao especialista para examinar-lhe o nariz e a garganta.

Janeta
do MUNDO

UMA ESPERANÇA DE PAZ
OU TALVEZ NÃO

A PÓS longa controvérsia e muitas hesitações, o governo israelita aprovou o Plano Rogers sobre o Médio-Oriente. Plano de paz que o Egipto e a Jordânia tinham
(Conclui na 5.ª página)

FÉRIAS
e
FINS DE SEMANA

Residência MARIM FARO

PRIMEIRA CLASSE
Quarto com casa de banho

Reserva e informações:
RUA GONÇALO BARRETO, 1
TELEF. : 2 40 66
FARO * ALGARVE * PORTUGAL

CRÓNICA DE FARO

por CARLOS MARTINS

Cada um à sua maneira

É que acredito que há coisas muito equilibradas. A Terra, por exemplo, com seus movimentos certos apesar de todas as brutalidades que lhe caem em cima, é um caso típico de perfeição e harmonia. Os homens vão-se às montanhas com «pás e picaretas» e debastam aquilo num ápice. Carregam depois a coisa toda, assim a modos de pirâmide desmontável, e vão tapar uns «furrinhos» algures noutra latitude da crosta. É a bolinha, sem mágias nem bruxedos, lá vai rolando sempre, com a mesma cara de séculos, sem dar fé dessas enormes transferências de cascalho.

É mais ou menos um fenómeno dessa ordem (em peso, claro), que se passa cá por estes sítios. Quando chega Maio e a cidade começa a encher com um balão, com a entrada incessante de forasteiros, é natural que isto fique um pouco mais pesadinho. Mas a esferazinha, inamovível nos seus designios, não se apercebe dessas deslocções em massa. Que coisa maravilhosa é isto de bolas bem lançadas nos espaços vazios. Até parece um processo de Meirim.

Todavia, há já por aqui quem sintia dificuldade em viver (entenda-se respirar). Prova isto que o homem é, apesar de tanta coisa boa que se diz a seu respeito, uma engrenagem tosca, não acham? Ignora-se a si mesmo. Tem lapsos de memória imperdoáveis e nunca pensa nas compensações que lhe são precisas para se garantir do tal equilíbrio natural, que se verifica com o planeta onde enterramos as plantas dos pés para colher os pés das plantas com que vamos conseguindo fazer uma coisa e outra, que o mesmo é dizer, viver.

Um dia destes, perguntei-me, pus a questão a mim mesmo: qual a origem das deficiências respiratórias de que muita gente se queixa? Será porque a rodinha a partir daquele mês de Maio começa a «clandar» mais depressa, com o tal peso crescente das migrações e imigrações humanas cá para as beiras do continente, ou será por um fenómeno proveniente da poluição atmosférica, que dificulta aquela antiga liberdade de existir e de respirar, sem o uso quotidiano de máscaras e balões de oxigénio ou de pulmões artificiais?

Estava nestas cogitações quando descobri, entre as árvores do jardim em frente, o meu carteiro a aproximar-se de casa. Sabem que o meu carteiro é um rapaz muito simpático e que só larga os jornais cá no café do Zé depois de passar os olhos pelas novidades? Também, nunca me importei com o facto, porque acho muito natural que o homem queira instruir-se sem grandes dispêndios de dinheiro. É louvável, não? Pois, como estou em férias, fui à porta esperar o distribuidor postal. Este, com o seu sorriso de cartão de visita, uma coisa igual ao que muita gente põe na boca quando chega o Natal, entregou-me uma carta. Uma carta só, calculem, para um cronista tão festejado como eu, como abaixo no-lo dizem, sinceramente, é pouco, muito pouco. Ainda que antes se passassem semanas sem que uma epistola me chegasse às mãos... Mas isso era antes de ter lido aquela missiva. Recordem-se como se faz na TV a propaganda aos detergentes? «Eu julgava que a minha roupa estava branca antes de, etc., etc.» É isso o que se passa agora comigo.

Mas vamos à carta. Apenas transcrevo alguns passos, aqueles que me parecem mais susceptíveis de interessar o leitor amigo e... a mim e ao Jornal do Algarve.

Faro.....
Caro senhor:
Regressei há poucos meses de Moçambique. Lá, pelo menos no meu regimento, V. era famosíssimo. E o Jornal do Algarve era assim uma espécie de livro grande onde toda a malta lia. Refrigério do soldado nas aridências da África. Era a saudade da terra distante que se quebrava em abraços...

No meu quartel não havia ninguém que não sentisse o desejo, inexplicável para transmontanos e minhotos, de ler as suas crónicas. Sortilégio? Creio que não. Talvez, porque no fundo de cada um alguma coisa lhes dizia que V. e nós lutávamos por uma causa comum; por um Portugal melhor. Abandonada a «canhotas».....

Vem esta a propósito para lhe contar o seguinte: um dia destes precisei de ir renovar o meu bilhete de identidade para poder concorrer a um lugarzinho público. Desloquei-me à repartição competente e, confesso, fiquei chocado com o que me foi dado ver. Não quero fazer comentários. Limítame a relatar o que vi e nada mais. Pois bem. Abriam as portas às 14,15. Aí, o pessoal que estava aguardando por esse momento precipitou-se. Entrou de avalanche. Tudo apinhado. Uns em cima dos outros. Uma senhora, com cara de quem anda sempre doente, começou a distribuir umas senhas. Aborreceu-se depressa, porque as pessoas desataram a reclamar, dizendo que estavam primeiro que aquela que já fora contemplada com o cartão; uma confusão dos diabos. Vai daí, a senhora funcionária colocou os papéis sobre o balcão e foi-se. Entregou à sorte ou à força de cada um, o poder alcançar esse direito. Aconteceu então que houve pessoas que não conseguiram deitar mão desse privilégio, que o não era em muitos casos por terem chegado primeiro que muitos manhosos que até se deram ao luze de ser eles a distribuir as senhas pelos amigos e conhecidos retardatários. Ainda que não me sinta prejudicado pelo desinteresse da senhora e pela desleza dos meus iguais acho que o processo está fora do que é lícito esperar-se em repartições oficiais, onde a urbanidade e o respeito devem nortear o convívio entre os que lá trabalham e os que os procuram. Disse que não queria entrar em considerandos e afinal.....

Quando me mandaram lavar os dedos, encontrei uma bacia como a que usava o meu avô sobre uma velha armação de ferro e com a água tão suja que me repugnou. Então, não há água corrente naquela repartição? E nem ninguém que queira mudar o líquido de vez em quando? Com tantas senhoras, credo!

Pode usar esta carta como entender. Julguei de meu dever contar-lhe o que me foi dado ver e queira aceitar os meus respetos.

Se conservo o anonimato do subscritor da carta é só pela razão de que ele não se dirige diretamente a este ou àquele funcionário.

E como se escusa de fazer comentários nãoerei eu a fazê-los quando não fui protagonista desses episódios.

PARCHAL

AGRADECIMENTO

José Cândido Júnior e sua família, na impossibilidade de o poderem fazer pessoalmente, vêm por este meio, agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que lhe testemunharam o seu pesar, pelo falecimento de sua extremosa mãe.

BARCO

Para Recreio, Pesca, Sky—comp. 4 m. motor «Evinrude» 40 C. V. tudo em estado de novo. Informa Telef. 421, Vila Real de Santo António ou bañheiro Miguel — Monte Gordo.

Ecos

Fim de curso

Com alta classificação concluiu a formatura em Ciências Biológicas, pela Faculdade de Ciências de Lisboa, a sr.^a D. Maria de Fátima da Costa Aleixo, filha da sr.^a D. Adelina da Costa Aleixo e do nosso comprouviciano sr. Francisco Medeiros Aleixo.

Partidas e chegadas

Encontra-se a passar férias em Vila Real de Santo António, acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Jesuína Martins da Encarnação, e filha, menina Maria de Fátima da Encarnação, o nosso amigo e comprouviciano sr. Alberto Feliciano Pereira da Encarnação, sota-piloto-mor da Barra do Douro e Leixões. — Deslocou-se a Paris, em gozo de férias, a sr.^a D. Maria das Dores Socorro Queiros, filha do nosso assinante sr. José do Sacramento Queiros.

— Está passando férias em Monte Gordo, o nosso dedicado colaborador sr. comandante José Salvador Mendes.

— Encontra-se em gozo de férias em Vila Real de Santo António acompanhada de seu esposo sr. José Rodrigues de Matos, a nossa comprouviciano sr.^a dr.^a Maria Luísa Augusto de Matos, vice-reitora do Liceu de Évora.

— Está em Vila Real de Santo António a fim de visitar familiares e rever amigos de infância o sr. José Herculano Leiria, nosso assinante em Lisboa.

— Encontra-se a férias em Monte Gordo o sr. Manuel Viegas da Fonseca, nosso assinante no Porto.

— Está gozando férias em Oitavo o sr. dr. A. M. Rocha Paulo, nosso assinante no Porto.

— Está com sua esposa e filha encontra-se a férias em Vila Real de Santo António o sr. João do Livramento, nosso assinante em França.

— Está gozando férias em Lagos acompanhado de sua família o sr. capitão José Domingos Carapeto, nosso assinante em Lisboa.

— Está veraneando em Lagoa, o nosso assinante em Lisboa, sr. dr. João Correia Ribeiro.

— Com sua família encontra-se a veranejar em Vila Nova de Gaia o sr. Armando Feliciano Candeias, nosso assinante em Tomar.

— Está a férias em Alcantarilha o sr. Hermenegildo Neves Franco, nosso assinante em Lisboa.

— Acompanhado de sua esposa, está a férias na Manta Rota o sr. João Anibal Pereira, nosso assinante em Lisboa.

— Está passando férias na Praia da Rocha o sr. Brás Cabrita de Almeida Conde, nosso assinante em Lisboa.

— Também estão a férias: em Vila Real de Santo António, os srs. António dos Santos (Diogo), com sua esposa, da Alemanha; João Manuel Bonança de Vila do Campo (Acores); João Marques Colaco, com sua esposa e filhos, de Trancoso; José Martinho Nobre Vargues, de Faro e João Adelino Dias Pena, com sua esposa e filhos, de Oitavo; em S. Brás de Alportel a sr.^a D. Maria da Luz Brito Pinto, de Monte Gordo; nos Caldeais de Montebique e em Loulé, com sua família, o sr. dr. João M. de Barros Santos, de Lisboa; em Tavira, o sr. José João Gaiharão Palmeira, de Lisboa; em Santo Estêvão de Tavira, o sr. Joaquim Martins, de Lindalva; Pastora (Carrazide), na Praia da Rocha, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado, de Reguengos de Monsaraz; em Lagos, os srs. general Leonel Vieira e Rui Carlos de Oliveira, de Lisboa; em Faro, os srs. arq. Villares Braga, do Porto e José Inácio de Brito, de Évora; em Monte Gordo, os srs. Duílio Diocleciano Costa, o sr. Afonso de Matos Machado

A CARTA

Roubo em Faro? Um espírito superior em tragédia?

Ex.º Senhor (não é assim que é delicadeza?),

A coisa complicou-se, complicou-se. Estava eu a ver uma exposição de tapeçarias (sim, que ouvi dizer que ver essas coisas dá prestígio à gente, o que interessa é ir ver exposições, sejam de pintura, de funis ou de materiais de construção, o que interessa é que a gente vá de catálogo na mão ajeitando a guedelha no meio de malta bem vestida, olhando, que categoria!) pois estava a ver tapeçarias quando o tal homem da Venezuela se aproximou de mim: «Aldegundes, tu aqui? Parece impossível! Eu que te julgava uma poetisa popular, genuína, tu aqui a adulterares o teu espírito recebendo esta cultura! Tu aqui no meio destes doutores!» Era o princípio do fim. Disse-lhe que não era mais do que uma simples curiosa, nascida com os oito primeiros direitos individuais da Constituição colados ao coração, aos olhos, etc. Respondi que estava ali como podia estar no consultório do médico, como ontem tinha estado no gabinete de um advogado de Loulé para saber quanto poderia valer um terreno no barrocal. Disse-lhe já toda nervosa e a ver a minha última oportunidade de casamento ir por água abaixo, que fui motivada pela leitura que o ti Manel me fez do que um indivíduo escreveu no último sábado. Mas ele não quis saber. Saí alvoroçada, vermelha, queria-me popular. Só popular. Queriam-me Aldegundes do adro, da tasca, da boleia, analfabeta. A coisa complicou-se. Até fiquei almareada, eu que sempre desfelei ser aquilo que dizem que a Fuseta é: noiva branca do mar...

Com uma boleia fui até Faro no carro de um universitário em férias. De caminho ele contou-me a vida de alguns universitários algarvios em Lisboa: jogam à carta, discutem no café, cada um tem a sua teoria, o seu plano, ocupam altos cargos associativos e cansam-se, cansam-se em Lisboa. Cansam-se a pensar fazer tudo para salvação dos poetas populares como eu e quando chegam ao Algarve é o cansaço. O corpo exige a praia, a esplanada, a lista das noites possíveis. E eu, esperta como sou, fiz ao meu motorista a seguinte proposta: que ele e outros universitários se reunissem na tal casa da minha avó, lá no barrocal. E assim foi. Na quinta-feira éramos 17 pessoas. Cada um levava papéis, lápis, iam todos a discutir. E senti-me cá tão elogiada quando surpreendi um deles a dizer: «Eh pá! não tenhas receio que a tipa é formidável. Vai nos 49 anos mas o espírito é de 20». Nem queiram saber! Imaginei ser aquela a primeira reunião intelectual da minha vida! Cansada da D. Pintinha, cansada do ti Manel, ali estava eu ávida de saber, de SABER ou digam lá se não é justo que uma analfabeta esteja ávida? Pois desenganei-me. Desenganei-me! Julgava eu que a primeira frase fosse referente à situação da actual poesia portuguesa e eis que saca não desenlaca o poeta universitário diz: «Eh pá! tenho fome. Não há para aí um presuntinho?» Julgava eu que aquele que anda em Económicas dissesse qualquer coisa sobre a realidade de que estou ávida e ele: «é verdade, Jocas, isso com um vinho de Arelas não te digo nada...»

E eu, pobre Aldegundes, ávida de cultura, na terra de minha avó que não vale pataco segundo o advogado aí mas eu hei-de pôr anúncio num jornal de Lisboa, um anúncio assim: «quinta de horizonte arabilizado, cercada de pedras e pitas, sol vertical sem eclipses, com água canalizada a 30 quilómetros, piscina a construir, vende-se no Algarve» aí já me esquecia dizer que apanhei cá um vergonhanço pois não estava preparada para piqueniques com universitários algarvios, não tinha presuntinho, nem vinho de 16° e reparei que a rapaziada ávida de estômago não ficou satisfeita. E então esta semana só tenho tido desilusões. Com o homem de bigodes, nicles; com o grupo universitário picles. E para mais tenho que pagar três mil escudos por um vestido, mala e sapatos que comprei em Faro para aquelas coisas todas (exposição, reunião no barrocal) e não sei como vai ser. Na segunda-feira já o empregado da loja foi a minha casa com ameaças: que se não tinha dinheiro não tinha nada que pretender imitar os que o têm, que sou uma caloteira, que isto e aquilo. E mais grave ainda, não sei se hei-de dizer, é com lágrimas nos olhos, falta coragem. Que eu tinha roubado um conjunto de lingerie e uma caixa de pó de arroz. Que havia de mandar a polícia a minha casa para averiguações. Oh coitada de mim, que fui iludida pela cultura. Como hei-de sair disto? Digam-me: como hei-de sair disto?

Aldegundes Casanova

P. S.: Desculpe Ex.º Senhor a carta de hoje não ir literária mas não tenho tido inspiração nenhuma. P'rá semana talvez.

RECORTE, COLECCIONE AS CARTAS, ISTO PROMETE...

ARTES

AURELIO GUERREIRO EXPÕE UMA DÚZIA DE QUADROS (EM DUAS SENTINELAS) OU A VANGUARDA LONGE DO POVO

Aurélio Guerreiro é um nome que assina quadros de inegável conteúdo ideológico, de uma técnica pessoal, de um conjunto de informações criativas. Alguns dos seus quadros estão ali no Restaurante Duas Sentinelas, a quatro passos de Loulé-Quarteira. Os quadros não estão no seu ambiente, nem o ambiente está nos quadros. Aurélio merece uma exposição mais cuidada, mais circunstanciada, menos comercialista e melhor colocada no circuito comercial.

Merece especial atenção o seu trabalho intitulado «La ville», de certo pintado em França. Ali a sociedade de consumo, antena na atmosfera banda a banda, ali o confronto no outro lado. Uma linguagem simples, de chão, que a utilização de areia colada reforça. Vão ver obras de Aurélio Guerreiro, ainda que em monte.

Pedro Xavier

Mais de 40 anos de experiência... Em feridas infectadas FURÚNCULOS E ANTRAZES PASTA "SANO" CONTRA A FURUNCULOSE LABORATÓRIO "SANO", V. N. GAIA À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS.

1.º CONCURSO DE QUADRAS PUBLICITÁRIAS

lençóis Coelima

Participe!...



Em nome dos «Tesos»...

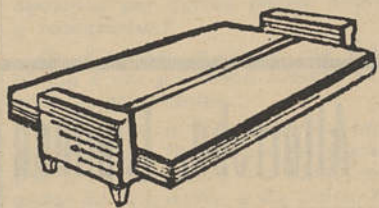
Foi baptizado assim, sem que tal faça amolgadelas (até porque é verdade quanto ao signatário) de «Praia dos Tesos», o areal que as dragagens formaram entre o molhe poente e o salva-vidas, na Fuseta.

Ali surgirá dentro de anos, ninguém o duvida, algo de muito positivo para o turismo fusetense, pois as extraordinárias condições que desfruta e oferece, não podem passar eternamente olvidadas. E talvez, então o nome da praia mude e os «tesos» se vejam privados do seu paraíso de agora.

Mas até lá... Pois, quantos, e muitas dezenas de são, frequentam o local, têm um pedão a fazer. É simples e cremos que terá o «deferido» do Município: dois chuveiros. Sim, apenas dois chuveiros (na ilha existem quatro) para que se possa tomar após os magníficos banhos de sol e de mar, os refrescantes banhos de água doce. A ligação possibilitaria ainda que se construísse um fontanário onde as pequenas embarcações se abastecessem e os frequentadores da «Praia dos Tesos» se dessedentassem. Em nome de todos eles expressa este pedão o «teso»

João Leal

E agora também no ALGARVE O verdadeiro SOFÁ-CAMA «MARLISE»



Totalmente fabricado com espuma e ainda com gavetão interior apenas por 2.000\$00

Exposição e venda na:

ELECTRIFICADORA DO SUL

Tel. 73 094 e 72 257—OLHÃO

Granjeio e tratamento de citrinos

A Estação de Fruticultura de Setúbal organizou recentemente um serviço de informações através do qual se propõe comunicar aos produtores de citrinos, por meio de circulares, alguns esclarecimentos úteis ao melhor granjeio e tratamento dos seus pomares.

Além de chamar a atenção para a necessidade de determinadas práticas culturais e de certos tratamentos contra pragas e doenças, aquela Estação dará conhecimento prévio, através das mencionadas circulares, da realização de cursos e de reuniões para empresários ou destinados à formação profissional de trabalhadores (práticos citricultores, podadores de citrinos, etc.) que venha a promover. Transmitirá também notícias respeitantes a congressos, colóquios, etc. que interessem aos citricultores.

Os produtores de citrinos que desejem receber, sem quaisquer encargos, essas circulares informativas, devem escrever para a Estação de Fruticultura, Setúbal, declarando essa pretensão e indicando o nome e morada.

Rapaz

14/15 anos para escritório de armazém em Faro. Resposta à Rua do Sol, 20 — FARO.

NOVOS CORPOS GERENTES

Da Cooperativa de Produtores de Leite de Olhão

Para apreciação do relatório e contas referente ao exercício findo e eleição de novos dirigentes, reuniu a assembleia geral ordinária da Cooperativa Agrícola dos Produtores de Leite do Concelho de Olhão.

Viajante de Electrodomésticos

Oferece-se pessoa experiente para o Alentejo e Algarve. Resposta a este jornal ao n.º 13 291.

Comparticipações

Para a pavimentação do troço final da Rua de S. Luís, em Faro, foi concedida a comparticipação de 96 contos à Câmara Municipal de Faro, tendo sido concedidos 29 300\$ à Câmara Municipal de Olhão para pavimentação da Rua de Manuel Machado, naquela vila.

Opel Kadett

Em estado de novo, vende J. C. Almeida — Rua Dr. Emiliano da Costa, 20 — FARO.

Cantinho de S. Brás...

Um sentimento de decepção ensombra S. Brás de Alportel

Pelo serviço de festivais da Direcção-Geral de Cultura Popular e Espectáculos, foi divulgado à imprensa o programa completo do Festival do Algarve-70.

Em todo o mês de Agosto, nas casas de espectáculos, parques, esplanadas, jardins e recintos diversos, por todas as cidades e numerosas vilas algarvias, nomeadamente no litoral, haverá festivais folclóricos, culturais e artísticos. Uma magnífica amostra da alma popular algarvia oferecida generosamente aos deliciosos turistas que nos visitam, reunindo-se o útil ao agradável numa legenda simbólica: «monet oblectant!» Iniciativa meritória a adicionar ao conjunto de praias, termas e campos, espécie de condimento para a juventude exigente e esufiantemente alegria que anseia algo para além do bronzeamento da epiderme.

Programa que reflecte indubitável inteligência, faz-se votos pela sua continuidade em todos os pontos da Província, que criou, como é óbvio, sérias responsabilidades na problemática turística. Desenvolver e apoiar moles de cimento e ferro, hotéis, piscinas e campos desportivos, sem que paralelamente se cuide do espírito, será pretender solucionar um problema por ângulo de sucesso duvidoso. Em qualquer parte do mundo existem hotéis de categoria, paisagens e praias, embora de areias negras e calhaus cortantes.

Temos, pois, de juntar às riquezas naturais, à tímida virgindade do nosso folclore, os ecos pouco audaciosos do nosso teatro e a ruidosa música do nosso temperamento alegre, a famosa cantiga da etí Anica da Fuseta que enrubescer o calmo sangue nórdico... Te-

mos de condensar os melhores valores do nosso génio artístico, exibindo quer a nacionais, quer a estrangeiros, toda a gama étnica de cantares e danças regionais de incontestável talento, que andam por aí dispersos e sem dono e dando oportunidade a amadores de real categoria, sonhadores românticos no clima quente que nos envolve o corpo enlanguescido, nas doces noites do luar algarvio.

Está de parabéns o serviço de festivais da Direcção de Cultura Popular e Espectáculos. Simplesmente, os sdo-brasenses não têm a honra de figurar no selecto calendário, pelo que se sente profunda frustração, com ares de afronta, no mesmo nível que presidiu à distribuição dos 300 mil contos.

O turismo é uma força dinâmica e transcendente. Por geográficamente nos situarmos na sua órbita de influência, o facto de sermos postos de lado como mercadoria imprópria para consumo é um complexo que tolhe os nervos, e dor de alma que nos amanchuca moralmente expandindo-se em lágrimas desconsoladas.

Situamo-nos na encruzilhada terrestre dos caminhos do Barlavento e Sotavento. Temos uma mimosa Pousada turística. Temos três hospitais moderníssimos, servindo o Algarve. Temos dois estabelecimentos de água para a pesca desportiva. Temos excelentes fontes de água de propriedades medicinais bacteriológicamente comprovadas. Temos arredores de surpreendente beleza panorâmica. E será por possuírmos todo este rico filão turístico que somos inventados para realizar um pequeno festival? Em último recurso, não haveria a possibilidade de um espectáculo de cinema? Não! Há qualquer coisa de grave, absolutamente fora dos eixos em relação ao nosso concelho. Ele não merece o vezame de ser pretendido, como vila próspera na bulicosa actualidade deste Algarve cosmopolita. S. Brás de Alportel, deve reagir energicamente, pois se há tanta maneira de dar um ar da nossa graça, que longe de nos envergonhar poderia redundar num êxito sem precedentes! Bastava apenas que nos sítios dos Vilarejos ou Alportel — por serem os mais populosos — se realizassem os antigos festejos populares abrihantados por filarmónica, com arraial, o típico arraial de outros tempos.

O bazar recheado de prendas a tómbola, as mesas ornamentadas, as corridas de sacos, o pau enebado, a tiragem de fininhas com argolas, e prémios incluindo galináceos, os tabuleiros monumentais de anafadas galinhas e o vinho velho do Salés, a caneca de açafiana, o pão de três quilos, branco como neve e a alegria sã do nosso povo no bailiarico do recinto da festa fariam um cartaz estrondoso e original, que ficaria gravado indelévelmente na retina dos visitantes.

Isto é apenas uma sugestão, pois ficamos muitos de espanto, ante a afronta à nossa capacidade realizadora. A nossa dignidade está em cheque e precisa de uma reparação urgente. Quem a dá?

F. Clara Neves

Externato Farense (PARA MENINAS)

Ensino Infantil, Primário e Liceal Nova Direcção

Estão abertas as matrículas que terminam sem multa, em 15 de Setembro

Prestam-se informações das 11 às 13 e das 15 às 18 horas

Largo de S. Pedro N.º 12 Telefone 22499 FARO



Um produto da rede distribuidora PROLAR DEPÓSITOS-FARO telef. 25669-TAVIRA telef. 264-LAGOS telef. 287 PORTIMÃO telef. 148-ALMANSIL telef. 34-MESSINES telef. 8 e 89

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS Estab. TEÓFILO FONTAINHAS NETO Com. e Ind., S. A. R. L. Telex 01693-Teleg. Teof-Telef. 8 e 89-Gaixa Postal 1-S. B. MESSINES-Algarve-Portugal

**VISITE EM QUARTEIRA
O RESTAURANTE ISIDORO**

O MAIS TÍPICO DO ALGARVE

Cozinha Regional

director técnico: ISIDORO

PRATOS DO DIA

Bife de Atum à Barraca
Sardinhas na Brasa
Caldeirada
Camarão de Quarteira
Ostras à Isidoro
Amêijoas na Cataplana
Lava-gante

Lagosta
Feijoada à Barraca
(ao Domingo)
Ervilhas à Rita
Perdiz à Isidoro
Frango na Púcara
Doce Regional

E AINDA OUTROS PRATOS DIVERSOS

«Ao Serviço do Comércio e Indústria Hoteleira»



Distribuidores no Algarve

Francisco Martins Farrajota & Filhos, Lda.

Câmaras Frigoríficas

Portimão

Telefone 123

Loulé

Telefone 62002

Figuras que não esquecem

Geraldo de Magalhães

(Conclusão da 1.ª página)

branca, bondosa, de génio quase infantil. Era um artista que quando cantava, punha tanta frescura nas suas canções ligeiras, ou tal sentimento na sua bela voz de barítono atenuado, que nos prendia, levando-nos, encantados, às margens do imponente Amazonas, às florestas misteriosas da Amazônia, onde milhões de aves das mais variadas espécies, cantam dia e noite e onde, debaixo de palmeiras de coqueiros, atravessados aqui e ali por raios da luz de prata do luar, corações segredam e corpos frementes se enlaçam. Era assim: cantando, arrastava-nos, como num sonho, até ao coração desse país romântico, de poetas e músicos como Gonçalves Crespo e Vivalobos, o nosso irmão Brasil.

Por todos os palcos de revistas de Lisboa, nas companhias de ópera que ao Brasil se deslocavam ou às nossas Áfricas, aos Açores e por todos os recantos de Portugal ele cantava e encantava. Ouvio em Lisboa e nos Açores, na cidade da Horta capital da linda ilha do Faial, onde teve o prazer e a honra de cantar a seu lado na noite da sua festa artística. Ai fomos apresentados e aí nasceu uma amizade a que só a morte pôs fim, quando já tinha dobrado os 90 anos.

Abraçei-o pela última vez, quando, já com oitenta e um ou dois anos, descia à tarde o Chiado, como era seu hábito, ainda forte e direita a sua alta estatura, apoiando-se com elegância à bengala; a lapela a arder na brasa de um grande cravo vermelho, e no sorriso a expressão do seu belo coração.

Há um ano, um vespertino de Lisboa dava uma entrevista com Geraldo, em que o redactor punha em destaque o apuro e a lucidez que ainda mantinha o simpático nonagenário, e referia-se às suas belas qualidades de coração. Pensei logo em escrever-lhe, mas as preocupações do dia a dia da minha vida, foram adiando o meu intento. Há poucos dias, a notícia do seu passamento encheu-me de luto a alma, especialmente na sua faceta artística e de desgosto, que durará até ao meu fim.

O Brasil perdeu um filho que muito o honrava, e nós, portugueses, um grande e distinto amigo.

Saudoso Geraldo! Mas, não haverá resposta para as perguntas com que inicias as linhas que aqui vou deixando, cheio de pena? Não admira afinal, porque as senhoras de Vila Real de Santo António, como todas as senhoras, não têm decerto mais de 30 a 40 anos! Naturalmente, nunca lhes perguntei quantos, por ser feio perguntar. Mas que são sempre gentis e primaveris as damas da minha terra, disso não resta a menor dúvida!

Vila Real de Santo António

Alvaro Magno Guerreiro

TINTAS «EXCELSIOR»



As barraquinhas...

TÍPICO e turístico (negativo), mas sobretudo anti-social e anti-humano, este adorno das «barraquinhas». Os seus modestos moradores bem se esforçam por lhes camuflar todo o aspecto de miséria, caçando, retocando e colocando aqui e além um adorno. Mas não, não pode, nem deve, continuar. Ele representa uma afronta para todos (sem excepções) que se encontram ligados à Vila Cubista. Em toda a parte, não raro é deparar-se com estas tristes panorâmicas, negativas para o homem, que chegou à Lua e gasta bilhões na pesquisa do satélite, ou, o que ainda é mais de criticar, em festividades de êxito duvidosos.

Existem, é certo, os bairros da lata nas capitais do distrito e do País, como e em escala maior, nas grandes metrópoles do Mundo (vêm-nos à mente os «bidonvilles» e os «ghettos»). Mas nós não queremos, nem queremos, que eles persistam em Olhão. Três bairros económicos aqui se ergueram, sendo a terra do Algarve que mais avançou neste domínio. Mas não chegaram, nem resolveram o assunto. Ele deve constituir a preocupação n.º 1 dos dirigentes do Município e de quem não pode alhear-se das condições sub-humanas em que vivem conterrâneos nossos, gente que viu surgir a vida e nasceu para a vida sob este mesmo céu azul. Agora que tanto se fala em estado social e na acção de organizações religiosas para a promoção humana, é a hora de se cerrar fileiras para a edificação de blocos habitacionais, modestos mas decentes, nos locais onde residem as famílias que povoam as «barraquinhas». E que, paralelamente, se lhes faça a necessária obra de apoio, amparo e promoção sociais.

Maria Armada

EM LAGOS

Prédio —Baixa cidade— R. Marreiros Neto, 55; 2 inquilinos, 2 pisos. Vende-se ou troca-se apartamento.

Resposta à Rua Actor António Cardoso, 11-3.º Dt.º — LISBOA-1.

Oferece-se

Empregado de mesa com prática, para zona turística algarvia, falando inglês, idade 18 anos. Resposta a António Eusébio Alves — Rua do Registo, 7-2.º — FUNDÃO.

INDAL - Indústrias de Alfarroba, Limitada

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 22 de Julho de 1970, lavrada de fls. 84 a fls. 88 do livro de notas para escrituras diversas n.º F. 60 do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário Lic. Manuel da Silva Jordão Curado, foi elevado o capital social da sociedade comercial por quotas, «INDAL — INDÚSTRIAS DE ALFARROBA, LIMITADA», com sede em Faro, de MIL CONTOS para QUATRO MIL CONTOS, totalmente subscrito e realizado a dinheiro e alterado parcialmente o respectivo pacto social desta sociedade, substituindo a redacção do corpo do artigo quarto, do corpo do artigo sétimo e o seu parágrafo segundo e dos artigos oitavo e décimo, pela seguinte:

ARTIGO QUARTO: — O capital social é de quatro mil contos, está integralmente realizado em dinheiro e nos restantes valores activos da sociedade conforme a escrituração, e corresponde à soma de duas quotas: — uma, de três mil contos, pertencente à sócia MEYHALL CHEMICAL A. G., e outra de mil contos, pertencente à sócia MEYPRO A. G.

É mantido o parágrafo único.

ARTIGO SÉTIMO: — A gerência da sociedade e a sua

representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, serão exercidas por dois ou mais gerentes com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for acordado, podendo haver gerentes não sócios.

PARÁGRAFO SEGUNDO: — Para a sociedade ficar válidamente obrigada é indispensável que os respectivos actos ou documentos sejam em nome dela assinados por um gerente, ou por dois mandatários e da mesma forma os actos de mero expediente.

São mantidos os parágrafos primeiro e terceiro.

ARTIGO OITAVO: — As assembleias gerais serão sempre convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de quinze dias, salvo quando a lei prescreva outra forma de comunicação.

ARTIGO DÉCIMO: — Os lucros líquidos apurados terão a aplicação que lhes for dada pela Assembleia Geral.

Está conforme o original. Lisboa, trinta e um de Julho de mil novecentos e setenta.

O Ajudante,

António da Glória Martins Baptista

Vende-se

Barco para pesca, com 14 metros de comprimento, equipado com motor VOLVO de 135 HP. com poucas horas de uso, Rádio, Sonda e alguns aprestos marítimos em boas condições de preço. Tratar com Manuel Guilherme Faria, Macieira — Vila do Conde.

Outra política turística

(Conclusão da 1.ª página)

se tem modificado, principalmente se o turista não pode gastar muito dinheiro. O Algarve continua a não garantir o que o turista médio necessita: alojamentos a preços módicos com abundância. As mesmas dificuldades surgem todos os anos para aqueles que persistem em gozar aqui umas férias com a família. A solução é sempre cara e, portanto, inacessível a muitos bolsos. Esta panorâmica deve ser bem conhecida de numerosos portugueses que já nem tentam a sua oportunidade algarvia. Mas quantos estrangeiros procuram ainda a sua «chance»?

Há zonas do Algarve absolutamente impraticáveis devido a encontrarem-se superlotadas, ou por não estarem ainda suficientemente desenvolvidas turisticamente.

De qualquer modo, o tipo de turismo que por aqui se pratica interessa apenas aqueles que não põem limites aos seus gastos nem são muito exigentes no que recebem em troca. Poderíamos dizer que, se por um lado, a Província satisfaz sob o aspecto paisagístico, o mesmo não acontece quanto às infra-estruturas que continuam deficientes.

Ainda recentemente, anunciou-se que uma empresa, ao nível europeu, estava interessada em construir, em Lisboa, um hotel de preços económicos com 400 quartos e que a TAP estaria envolvida no empreendimento.

Eis uma iniciativa que poderia ser um êxito também no Algarve,

se um hotel deste tipo se construísse, por exemplo, em Faro, Portimão, Albufeira ou Vila Real de Santo António, e fosse ponto de concentração de muitos veraneantes que nos visitam, mas que não conseguem atingir os preços astronómicos dos actuais palcos.

Já se fez o mesmo noutros pontos turísticos do Globo. Basta citar o exemplo das Canárias e do sul de Espanha, onde já é possível fazer umas férias em conta.

A costa algarvia continua a ter possibilidades que nos escapam, mas que um outro aproveitamento e uma directriz diferente podem tornar acessível a novas camadas turísticas. Por isso, se torna necessário rever uma política que, na nossa opinião, não tem produzido os resultados ambicionados.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

Diagnóstico-Roentgenotápico

R. Castilho, 37—Tel. 22644

FARO

Os beneficiários dos Serviços Médico-Sociais têm preços de Policlínica nos exames particulares

Firma subsidiária da S. C. Johnson & Son inicia a sua produção em Portugal

Iniciou a sua actividade no mercado português, a fábrica Ceras Johnson de Portugal, Lda., subsidiária da S. C. Johnson & Son Inc., dos Estados Unidos — uma das maiores empresas do mundo no sector, fabricantes de ceras para sapatos e mobiliário, insecticidas e purificadores de ar.

A nova fábrica, instalada no nosso país, é o membro mais recente da Johnson Wax, nome pelo qual esta empresa norte-americana é mundialmente conhecida. Além desta, há mais trinta e cinco fábricas espalhadas, por todo o mundo, com quadros que totalizam mais de seis mil empregados. Estes números, só por si, dão bem ideia, das proporções atingidas pela Johnson Wax que, nos campos em que se especializou, desfruta de prestígio ao nível mundial, comprovativo de alta qualidade dos seus produtos.

Para a sua entrada no nosso mercado, a Ceras Johnson de Portugal Lda., escolheu «Pronto». Este produto é uma verdadeira inovação. Trata-se de um lustra móveis instantâneo em aerosol, que limpa o pó, dá brilho e encera tudo apenas numa operação.

Pelas suas características, completamente originais, dentro do nosso país e pela qualidade que realmente possui este novo produto vai certamente constituir um êxito, visto corresponder às crescentes necessidades dos consumidores em matéria de produtos evoluídos e de alta rentabilidade.

**Máquinas de tricotar
Japonesas**

Tipo único no Mundo
Máxima eficiência
50000 pontos diferentes

Precisamos Agente em Vila Real de Santo António
(Área de Tavira)

Resposta ao Apartado 225

Covilhã

Arroz TREVO

O ARROZ preferido

e
mais vendido
em Portugal

Embalagens de 1 kg.

Distribuidores

A. D. Oliveira Magalhães Exportadora, S. A. R. L.

PORTO

Toiros Vila Real de Sto. António

MI 6 Anos

SÁBADO, 15 DE AGOSTO, ÀS 22 HORAS

Gustav ZENKL
Frederico CUNHA
Sommer ANDRADE

Forcados Amadores de Vila Franca de Xira chefiados pelo sr. Miguel Palha Van Zeller

6 - TOIROS DE JOÃO GREGÓRIO

Crónica taurina

No sábado passado realizou-se mais uma corrida de touros no tauródromo vila-realense.

A abrir a praça saiu um touro negro, grande, bonito e bem armado, que como seus irmãos para a lide a cavalo, pertencia à ganadaria do eng. Rui Gonçalves.

José Mestre Baptista, de casaca vermelha e ouro e montando um excelente cavalo castanho, preparou bem, bregando com a garupa e prendeu a primeira farpa comprida, de tenteio. O touro acusa mansidão e refugia-se nas tábuas. Baptista porfia, desenvolvendo uma brega inteligente e por dentro, aproveitando as condições do morlarco, crava a segunda farpa comprida, ao estribo. Muda para os curtos e dentro das suas características toureiras, alegre e comunicativo, consumou a sorte, metendo, ao estribo, uma farpa de boa marca, à tira. Bom teria sido o segundo curto, se o astado, no momento da reunião se não tivesse defendido.

O touro era manso e chegou à pega cheio de poder, mas José Carlos Baradas, à primeira tentativa, consumou uma boa e rija pega de caras.

Cavaleiro e forçado deram volta, receberam flores e devolveram chapéus. O forçado, sózinho, agradeceu nos médios.

O segundo touro era listão e bem armado, com peso e manso. D. Francisco Azarujinha preparou bem, mas falkou o primeiro comprido. No segundo, à tira, pescou e no terceiro, desenvolvendo boa brega, consumou à tira, ao estribo. O primeiro curto foi por dentro, a cilhas passadas. Azarujinha tem dificuldade com o cavalo que tenta defender-se e não ir ao touro, mas porfiando, consegue levá-lo à cara do cornúpeio e ao estribo prende uma segunda farpa curta, sofrendo ligeiro toque na montada, o qual não diminuiu o mérito do ferro. Aproveitando as condições do touro, meteu mais um curto por dentro, ao estribo.

Pegou Manuel do Brito, que consumou uma valente, rija e espectacular pega, a melhor da noite. A ajuda foi magnífica.

Cavaleiro e forçado deram volta, receberam flores, devolveram sapatos, casacos e chapéus e o forçado deu volta sózinho.

A abrir a segunda parte da corrida, saiu um touro negro, corniáberta, manso, com peso e idade, autêntico boi de circo, perigoso e com sentido. Foi toureado a duo por José Mestre Baptista e D. Francisco Azarujinha. O primeiro ferro comprido recebeu o parado, das mãos de Baptista e parado recebeu o segundo de Azarujinha. Não reage e procura colher quando entra nos capotes, anda a passo, cheio de sentido. Baptista mete-lhe o primeiro curto, por dentro, ao estribo e por dentro crava também o terceiro ferro, tendo Azarujinha consumado o segundo depois de muitas tentativas.

Como o touro era manso e não correu, chegou à pega cheio de poder e de sentido. Tentou-se a cernelha, mas os cabrestos da praça eram desiguais em tamanho e o boi da guia marrava, pelo que os campinos estavam com medo, não tendo o touro ficado tupaado um só momento, porque quando se metia no meio das chocas e por ser mais alto que estas, via sempre os pegadores. José Guinapo e Chauki Damif não conseguiram pegar de cernelha. Manuel Paia mandou então, pegar de caras, e foi à cabeça do touro José Augusto Brás, que chamou em curto, aguentou e fechou-se bem e foi bem ajudado. No entanto, e porque o touro tinha muita força e estava cheio de sentido, a pega não se consumou, tendo o morlarco levado na cabeça cinco forçados, destruindo tudo à sua passagem.

Recolheram à enfermaria José Augusto Brás, Chico Brás e Francisco Correia, muito maltratados, mas sem lesões graves.

O touro era, absolutamente, impregável e o director da corrida mandou-o recolher, e muito bem. Nas bancadas houve assobios e protestos, mas o público não teve razão, pois os forçados do Colégio Nun'Alvares de Tomar mostraram ser valentes e saber pegar.

A parte apeada esteve a cargo de José Luís «Capillé» e Ricardo Chibanga.

O terceiro touro que, como seus irmãos para a lide apeada, pertencia à ganadaria de Jorge Rosa Rodrigues, era baixel, de córnea fechada e bonito. Era manso. Com o capote, «Capillé» limitou-se a alguns passes de tenteio. Bandarilharam Joaquim Gonçalves, que meteu dois bons pares e Carlos dos Santos, que se limitou a dois meios pares comprometidos. «Capillé» iniciou a

faena por baixo, a dobrar e a fixar o touro. Prosseguiu por derechazos e de peito. Toca a música. Prossegue por naturais que rematou com o passe de peito e mudança de mão. Lazerninas e simulou a estocada com a bandarilha, mal. Volta e agradeceu nos médios.

O sexto touro era pequeno e manso, demasiado pequeno e demasiado manso. José Luís nada fez de interesse com o capote. O touro tem fraca investida e sai solto. Bandarilharam os pedes que apenas meteram meio par. O matador brindou aos forçados de Tomar e começou a faena por baixo, um pouco comprometido. Segue por naturais, mas, porque o touro está solto, não consegue ligar a faena, limitando-se a passes de todas as marcas. Toca a música. Terminou, simulando com a bandarilha, bem.

José Luís «Capillé» deu-nos bons recortes de toureio, ainda que não nos tenha convencido. No entanto, se os touros tivessem levado em «seu sítio» uma varada, era natural que as coisas corresse de outro modo. No final da lide deu a volta e teve um gesto simpático ao chamar à praça Ricardo Chibanga para compartilhar com ele dos aplausos.

O quarto touro era negro, mal armado e Chibanga recebeu-o por verónicas e chicuelinas que rematou com reboteira. Pegou nas bandarilhas e meteu um primeiro par, monumental, a queiebro.

O segundo, a quarteio, foi bom, mas o matador caiu, porque o touro lhe passou uma rasteira com as patas dianteiras, não tendo isso contribuído para tirar o mérito ao par de bandarilhas. O terceiro foi a queiebro, tendo Chibanga aguentado um mundo inteiro. Com que facilidade este homem bandarilha! Iniciou a faena de muleta, de joelhos, com três passes por alto. Prossegue por derechazos e ao som da música e de gritos de «Chibanga, Chibanga» deu-nos uma lide magnífica, com muito temple e mando. Terminou com uma tanda de magníficas «manolelinas» muito cingidas, adornou-se e simulou com a mão. Deu volta, recebeu flores, devolveu chapéus e nas bancadas havia um autêntico delírio, especialmente da parte da miudagem.

O sétimo touro era pequenino e manso. Com o capote, Chibanga nada conseguiu. Pegou nas bandarilhas e a quarteio cravou um bom par. A quarteio foi também o segundo, que foi magnífico e a queiebro meteu meio par. Começou a faena de muleta, por alto e prosseguiu por derechazos e naturais que rematou com o forçado de peito. Toca a música e prossegue por naturais e mais passes por alto, a ligar a faena, tirando partido do manso lidável que lhe coube em sorte. Toureia de joelhos e por «manolelinas», adornou-se e simulou com a mão. Agradeceu nos tércios os aplausos do público.

Estiveram bem na brega, João Indício, Hélder de Araújo, José Timoca, António Garça, Jorge Marques e Francisco Plúru.

Quando será que deixaremos de assistir ao triste espectáculo com que uma parte do público nos mimoseia, com indelicadeza para com quem arrisca a vida em cada minuto, quando no fim da corrida todas aquelas almoçadas vão parar ao centro da praça? Este acto, além de indelicado constitui infração punível com prisão, para o que chamamos a atenção das autoridades policiais que assistem a semelhante impopósito, impiedadas e serenas.

Quando será que teremos a sorte de ver na nossa praça um curso de touros homogéneo e de categoria?

Será que o Portugal desconhecido é só para os estrangeiros e nós, bons aficionados, temos de nos contentar com touros para turistas ver?

Vitor de Veiros

Precisa-se Cozinheira

Boa para boa casa. Trata: Agência Algarve Rua Ivens, 12-1.º —FARO.

Vão reunir as corporações de bombeiros do Algarve

No próximo dia 30 efectua-se em Tavira mais uma reunião das corporações de bombeiros da nossa Província, que será presidida pelo tenente-cronel Rogério Cansado, inspector de Incêndios da Zona Sul.

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

préviamente aceite e que os Estados Unidos lançaram perante o governo de Israel como ponto decisivo nas relações futuras entre os dois países.

O caso abriu uma cisão em Tel Avive e provocou grande celeuma na extrema-direita e no Partido Gahal que tinha seis homens no Governo, os quais se demitiram após Golda Meir anunciar a aceitação do plano.

Foram horas dramáticas para Israel, com reuniões diárias do Conselho de Ministros, numa tentativa para evitar a cisão. O próprio general Dayan acabou por confessar que o país não podia perder os seus aliados. Referência directa aos Estados Unidos e às possíveis consequências de uma recusa do Plano Rogers.

Entretanto, verificava-se outra curiosa reacção: a divisão dos Estados Arabes e principalmente a atitude francamente negativa da grande maioria das organizações palestínianas. Estas, na Jordânia chegaram a provocar uma greve geral e manifestações em massa contra Nasser, o seu idolo de há poucos meses.

Por outro lado, alguns governantes felicitavam-se pelo êxito alcançado pela iniciativa, nomeadamente os governos ocidentais e o secretário geral da ONU. Mas como pôr em prática o Plano Rogers até chegar-se a uma atmosfera propícia de negociações? Aceitarão os israelitas uma retirada das linhas de cessar-fogo mesmo depois da assinatura de um tratado de paz? E os palestínianos não irão constituir uma nova frente de combate apoiados por certos países árabes e comunistas?

De qualquer modo, a sua existência é um problema sempre presente e por resolver.

Ainda que se admita ter-se dado um passo em frente, porque se chegou a acordo sobre um plano, por parte de Tel Avive e do Cairo, há todas as outras questões em jogo no Médio-Oriente. O essencial é que os Estados Unidos e a Rússia concordem — afirma-se. Mas a verdade é que muitos interesses andam já envolvidos nesta guerra e há exercícios com armas modernas que aprenderam a maneirar-las habitualmente numa tentativa de solucionar problemas. Tanto assim que os raids no Suez prosseguem com a mesma intensidade, como se não houvesse no ar uma promessa de paz.

Mateus Boaventura

Pomar de Citrinos

Arrenda-se o da Exploração Agrícola da AROEIRA constituído por laranjeiras baía e tangerineiras.

Recebem-se propostas em carta até 29 de Agosto pelas 15 horas, com reserva de não se arrendar caso não convenha ao proprietário

Para informações—Telefone 4102—Cacela.

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

Anúncio

Venda de Terrenos em Vila Real de Santo António e Monte Gordo

A Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, vende em hasta pública no dia 31 DE AGOSTO DE 1970, pelas 15 horas, nove lotes de terreno, para construção urbana destinados a habitação.

- VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — Lotes n.ºs 14, 15 e 16/70
- Para 4 pisos — Área 165 m2. — Base de licitação 149 contos
- MONTE GORDO — Lote n.º 17/70
- Para 4 pisos — Área 396 m2. — Base de licitação 1 200\$00 m2.
- MONTE GORDO — Lotes n.ºs 18 e 19/70
- Para 6 pisos — Área 120 m2. — Base de licitação 250 contos
- MONTE GORDO — Lotes n.ºs 20 e 21/70
- Para 6 pisos — Área 165 m2. — Base de licitação 330 contos
- MONTE GORDO — Lote n.º 22/70
- Para 2 pisos — Área 150 m2. — Base de licitação 200\$00 m2.

As condições de alienação encontram-se patentes na Secretaria da Câmara Municipal, podendo ser consultadas durante as horas de expediente.

Paços do Concelho, 4 de Agosto de 1970

O Presidente da Câmara,

Dr. António Manuel Capa Horta Correia

Estão abertas as matrículas na Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve

Tem sido de um préstimo admirável o contributo da Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve ao desenvolvimento turístico da Província. Factor fundamental, a existência de profissionais qualificados para o êxito da Operação Algarve — Turismo, tem ali encontrado o melhor interesse.

De 15 deste mês a 15 de Setembro, estão abertas as matrículas para o novo ano lectivo nos cursos de: andares, bar, contabilidade hoteleira, cozinha, economato, mesa e recepção.

Os interessados, entre os 16 e os 35 anos, podem dirigir-se à Secretaria da Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve, Rua do Letes, 32 — Telef. 22083/4, em Faro.

VENDE-SE

Propriedade de sequeiro, com bastante rendimento de alfarroba e azeitona.

Fácil acesso, Estrada da Asseca-Tavira.

Resposta a este jornal ao n.º 13 219.

Foi enviado a tribunal o agressor de um antigo notário de Olhão

A P. S. P. de Olhão enviou a juízo o trabalhador José Simplicio Nunes, casado, de 56 anos, morador no sítio do Laranjeiro (Moncarapacho), que agrediu à navalhada o advogado e antigo notário, dr. Messias Fernandes Marques Cerca. Ao agressor não foi permitida fiança, pelo que recolheu à cadeia, onde aguarda julgamento. Trata-se de um indivíduo com indícios de alienação mental, que atribuiu ao referido notário uma doação que a mãe em tempos fizera ao homem com quem vivia maritalmente, mercê do que já sofrera pena por agressão ao advogado.

Após ter saído da cadeia de Barcelos, dizia-se trabalhador na Lisnave, tendo regressado ao Algarve, em 20 de Maio. Já esteve internado num hospital de psiquiatria.

O agredido sentiu melhoras, após uma transfusão de sangue a que foi submetido no hospital olhanense.

Elísio Baldinho

ADVOGADO

Rua Baptista Lopes, 19

Telef. 24357 F A R O

MERECEM BORLA E CAPELO... OS VINHOS VERDES "CAMPELO"!



Os VINHOS CAMPELO são «doutores» em VINICULTURA... Peça em toda a parte: VINHOS CAMPELO

Um produto da rede distribuidora **DOURO**

DEPOSITOS — FARO telef. 23669-TAVIRA-telef. 264-LAGOS telef. 287

PORTIMÃO-telef. 148-ALMANCIL-telef. 34-MESSINES-telef. 8 e 89

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Estabelecimentos **TEÓFILO FONTAINHAS NETO-Com. e Ind. S. A. R. L.**

Telex 01433 • Teleg. TEOF • Telef. 8 e 89-Caixa Postal 1 S. B. de MESSINES • ALGARVE • PORTUGAL

QUARTEIRA EM «SHOW»

Quem, há anos, conheceu Quarteira, a velha praia de pescadores e de cabanas, fica irónicamente surpreendido com a afirmação de que Quarteira será hoje a praia mais cosmopolita do Algarve.

E, dizemos cosmopolita no bom e no mau sentido. Porque aqui vem dar tudo. O bom e o mau. Mas, a vida tem de ser feita assim e assim é que está bem. O rico e o pobre. O culto e o menos culto. O que tem educação proporcionada por uma formação esmerada, por instrução adquirida e o homem do campo, hoje já com relativa cromagem emprestada pela família emigrante, que conviveu com outras civilizações e que refinou, aumentou as suas exigências, o seu sentido de crítica, a sua forma de viver, de conviver, de vestir e de calçar, que se tornou, enfim, um turista em potência e que, no consumo, se tornou tão aperfeiçoado, ou quase, como qualquer pessoa capaz e distinta.

Falei em pobres, como se isso fosse coisa que existisse. Todos vivem relativamente bem e até o cigano que recolhe, diariamente, na pedincha, centenas de escudos, traz uma máquina de tosquiar burros no braço, para quando a guarda o topar. E a maneira de se desculpar e dar à sua tarefa o ar de accidental.

Quis oferecer um prato regional a um hóspede amigo. Arranjei as amêijoas, mas o milho... — «Quem é que come papas num tempo destes? Isso é comida para pobres! O senhor não tem mais nada que comer?» Foram as respostas que obtive.

Aqui há gente de todas as nacionalidades. Belgas, franceses, alemães, suecos, ingleses aos montes, gente de África, das províncias ultramarinas, da África do Sul, da Austrália, do Canadá, do Congo ex-Belga, da Índia... eu sei lá. E que todos os portugueses emigrantes aproveitam para vir passar as férias com a família, mais que pelo

Natal. Porque se exibem melhor nos seus carros, nas suas mini-salas, nos seus chapéus e toucas berrantes, em tudo o que possa atrair para eles a atenção, desde os pés à cabeça, quer seja na cor, quer seja no feitio ou na forma. Luso-belgas, luso-alemães, luso-ingleses, querendo aparentar ou demonstrar a sua assimilação pela língua estrangeira falam no mercado, no «self-services», na mercearia, uma algarviada, em que o verndculo dos autênticos turistas se mistura com o caldo dos emigrantes.

Em cada dez carros de matrícula estrangeira, conseguimos distinguir dois ou três de matrícula nacional. Ninguém se conhece sendo pela fala, porque no vestir não chegamos a uma conclusão.

Um destes dias fui abordado por uma senhora que entrou pelo pátio adentro:

— Etes vous le patron?
— Oui, madame, Je suis le patron.
— Avez vous une chambre à louer?
— Non, madame, Je n'en ai pas.

Ela percebeu que eu estava a goz-la e em bom português acrescentou: —

Disseram-me que era aqui.
— Non madame, Ils vous ont trompés.
— Porque é que o senhor não responde em português, se o é?
— Eh, bien madame, Mais je suis le patron.

— Bolas!
— Au servir, madame.
Outras palavras, autênticas, só denunciavam a origem pela fala: — «Cal é a camineta pra Loulé!»

Gente gorda, gente magra, gente elegante, gente de corpos monstruosos ou disformes, ao lado de suecas, inglesas ou francesas apuradamente vestidas, gente que fala, que tira retratos, que filma, que barafusta, grita, gesticula, mas que, no seu todo, no seu conjunto, constitui um autêntico carnaval.

R. P.

MARISCOS VIVOS

De várias espécies, em aquários.

Especialidade de casa: Camarões grelhados na chapa.

CAFÉ RESTAURANTE CENTRAL

Telefone 65230 — QUARTEIRA

SIEMENS SURDOS

UM SÍMBOLO DE QUALIDADE DE FAMA MUNDIAL

MOURATO REIS

Especializado em prótese auditiva (é também surdo como vós)

Recupere a sua audição consultando-nos em:

FARO, na Farmácia Almeida no próximo dia 24 das 9 às 13 h.

PORTIMÃO, na Farmácia Carvalho dia 25 das 9 às 13 h.

A SIEMENS é a maior organização mundial de Electro-Acústica!

Como tal um dever se impõe — SERVIR. 394 — Ainda mais potentes! Para casos muito graves e considerados surdo-mudos. OS NOSSOS APARELHOS SÃO RIGOROSAMENTE ADAPTADOS

Escritórios e Laboratórios de Experiência: LISBOA — Rua da Escola Politécnica (entrada pela Calçada Engenheiro Miguel Pais, 56, 1.º) Telef. 67 58 72 e 66 23 72

PORTO — Rua Santa Catarina 287 — Telef. 26415

OUVIDO SECRETO



"DIFERENTE"!



O ARISTOCRATA DOS REFRIGERANTES

Carbo Sidral
REFRESCO DE MAÇÃ

Distribuidores no Algarve
Francisco Martins Farrajota & Filhos, Lda.

Portimão **Loulé**
Telefone, 123 **Telefone, 62002**

CORREIO de LAGOS

OCUPAÇÃO ABUSIVA DA VIA PÚBLICA

Apesar dos nossos reparos sobre ocupações praticamente abusivas, na via pública, continuamos em época de maior afluência de turistas nacionais e estrangeiros, que encontram ruas praticamente vedadas ao trânsito, umas por materiais que em alguns casos poderiam ser acondicionados nos prédios, em construção, outras porque há comerciantes que entendem que as taras podem permanecer nos passeios durante dias e até semanas, e ainda algumas porque temos industriais que por falta de armazéns próprios para oficinas, executam reparações na via pública, a ponto de em determinadas ocasiões não haver espaço para que os peões al transitem livremente.

Ora, Lagos não pode nem deve estar sujeita à ocupação da via pública como se fora qualquer aldeia sertaneja, e assim esperamos que a edilidade, desejosa de uma cidade mais progressiva, tome medidas para a repressão do que em alguns casos se pode considerar abusivo. Igualmente esperamos que uma vez em prática tais medidas, se evite que os peões utilizem os pontos centrais das ruas, preferindo sempre os passeios e, onde os não haja, os espaços mais próximos das paredes.

RESULTOU PROVEITOSA A CONFERÊNCIA SOBRE ASSUNTOS JUVENIS NO C. N. E.

Porque os problemas da juventude interessam a novos e velhos, assistiu o signatário à sessão de trabalhos com vista à formação da juventude, realizada em 6 deste mês no C. N. E., integrada nas festividades em honra de S. Gonzalo.

Com a sinceridade que nos caracteriza, diremos que a mesma resultou, pois que o conferente, apesar de ser padre, conduziu os trabalhos mais no sentido social e humanitário do que religioso. Foram abordados temas como o egoísmo (dos piores males da humanidade), o da liberdade como condição essencial para singrarmos na vida se a considerarmos na verdadeira acepção da palavra, isto é, se não nos desviarmos dos bons princípios; o do amor pelos nossos semelhantes, como condição para irmos mais além, numa palavra, um todo útil para a formação dos jovens de hoje, que conduzirão os nossos destinos amanhã.

Houve perguntas acertadas de alguns jovens, a que o conferente respondeu fazendo luz em quantos o escutavam, e finalmente, respostas a um inquérito sobre os assuntos debatidos, as quais provaram que não foi em vão o esforço de quantos intercederam para que em reunião de jovens para jovens fossem expostos os seus problemas.

Somos da opinião de que reuniões desta natureza devem repetir-se, porque a juventude não enjeita como à primeira vista parece, o que vem por bem e para bem, antes abraça tal princípio, como tivemos ocasião de constatar.

O CONVÍVIO NA ESPLANADA DO CHÃO QUEIMADO NÃO RESULTOU

Talvez porque consideramos o espírito como estando acima da matéria, não julgamos proveitoso o convívio na Esplanada do Chão Queimado dos jovens que tomaram parte em encontros anteriores, com vista a melhor formação. A atenção dispensada ao orador que se esforçou por dar ideia completa dos trabalhos anteriormente realizados, foi deficiente, podendo considerar-se sem nível, tida que seja em linha de conta a lição proveitosa efectuada no C. N. E. Chegamos a ter a impressão de que em 24 horas se destruiu, se não tudo, pelo menos muito de uma sessão de trabalhos conduzida inteligentemente. As crianças multiplicaram-se, no convívio, ao som da música do conjunto «Os reatores», de Portimão, e a juventude não marcou como tal, pois muitos foram os jovens que permaneceram quase indiferentes a uma festa que lhes era dedicada, notando-se até a retirada de alguns no período considerado de

ENSINO NO ALGARVE

PRIMARIO

Prémio Dr. Manuel Esquivel

Designa-se «Dr. Manuel Esquivel», em homenagem ao actual governador civil do Distrito, o prémio instituído pelo Externato João de Deus, de Messines, destinado a galardoar anualmente o aluno da 4.ª classe da freguesia de Messines, que tenha alcançado mais alta classificação e que não possua máis matérias para prosseguir os seus estudos.

O Externato João de Deus assumirá a responsabilidade dos encargos de estudo do aluno premiado até ao 5.º ano do ensino secundário.

Estão vagos os seguintes lugares em escolas: masculinos: 1.º de Salir (Loulé) e 2.º de Conceição de Tavira, e o 4.º feminino da sede do concelho de Olhão.

A seu pedido, foi exonerada a professora agregada sr.ª D. Helena Maria Pardal Valeroso da Encarnação.

Passaram à situação de aposentadas as sr.ªs D. Maria José de Brito, D. Emília da Assunção Monteiro Matos e D. Maria Carolina Bicker Gomes e o sr. Manuel Teles Sampaio, professores, respectivamente, em Loulé, Quarteira e Portimão.

PREPARATORIO

As sr.ªs D. Maria do Carmo dos Santos Medeiros Figueiras e D. Gisela Matias de Brito foram contratadas para serventes do quadro, respectivamente nas Escolas Preparatórias de D. Afonso III, em Faro e Engenheiro Duarte Pacheco, em Loulé.

TÉCNICO

Não reuniu ao longo do ano lectivo o conselho disciplinar da Escola Industrial e Comercial de Faro

Sob a presidência do dr. Almeida e Silva, director da Escola Industrial e Comercial de Faro, reuniu o conselho escolar plenário da mesma. Presentes todos os agentes de ensino que ali exercem funções.

Na análise das actividades do ano lectivo que agora finda, o corpo docente expressou satisfação por não ter sido necessário reunir em 1969-70 o conselho disciplinar daquele estabelecimento de ensino.

Foram aprovados os candidatos que frequentaram o curso para mestres de serralharia em Faro

Terminaram as provas finais do curso de preparação para mestres de serralharia do ensino técnico, que durante o ano lectivo decorreu na Escola Industrial e Comercial de Faro. Presidiu ao júri o eng. Pais de Sousa, inspector do grupo industrial do ensino técnico profissional, coadjuvado pelos dr. Almeida e Silva e eng. Manuel Costa, directores da referida Escola e dos seus cursos industriais. Os sete novos mestres foram aprovados. O curso foi o único realizado em todo o País e dada a

já pensou que ...



A HOOVER RECOMENDA skip

MAQUINAS DE LAVAR AUTOMÁTICAS



...AO ADQUIRIR UMA MAQUINA DE LAVAR ROUPA LIBERTA-SE DE UM SEM NÚMERO DE PROBLEMAS DE ECONOMIA E DE TEMPO.

A SUA EMPREGADA DOMÉSTICA PODERÁ SER DISPENSADA DESTA TAREFA, A SUA ROUPA SERÁ LAVADA QUANDO DESEJAR E COM EXTRAORDINÁRIA RAPIDEZ, A SUA QUANTIDADE TAMBÉM NÃO TERÁ IMPORTÂNCIA E A CHUVA DEIXARÁ DE SER UMA PREOCUPAÇÃO.

E QUANTAS COISAS PODERÁ FAZER ENQUANTO A HOOVER TRABALHA? PERGUNTE AS SUAS AMIGAS QUE JÁ POSSUEM MÁQUINAS HOOVER E FICARÁ MARAVILHADA COM AS SUAS OPINIÕES!

LEOPOLD SHIROI, LDA. LISBOA • PORTO • COIMBRA • FARO

APLIQUE AS SUAS ECONOMIAS NA COMPRA DE PROPRIEDADES J. PIMENTA, S.A.R.L.

Em Paço de Arcos, a 100 metros da praia e da estação de Caminho de Ferro, pode adquirir o seu Apartamento Mobilado com requintado bom-gosto e grande conforto.

Se o habitar contemplará uma magnífica vista de mar e se lhe interessar usufruir o seu rendimento fará um bom investimento de capital porque se trata de uma zona de rápida valorização e desenvolvimento.

Apartamentos Mobilados desde 150 contos

Consulte-nos e informe-se junto dos nossos 5000 clientes. Só nós e eles o podemos informar convenientemente

LISBOA: Pr. Marquês de Pombal, 15-1.º - Telef. 45843-67643
OUELUZ: Rua D. Maria I, 30 - Telef. 952021/22
REBOLEIRA: Amadora - Telef. 923670
PAÇO DE ARCOS: - Bairro Comendador Joaquim Matias - Telef. 2433511
CASCAIS: Rua Regimento Infantaria 19, n.º 30 - Telef. 282575
Conjunto Turístico da Pampilheira - Telef. 283988

Algarvio morto em combate em Moçambique

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate em Moçambique vários militares e entre eles o soldado sr. Daniel Vicente Viegas, natural de Faro, filho da sr.ª D. Lúcia Nascimento Viegas e do sr. José Correia Viegas.

forma como decorreu repetir-se-á no próximo ano na capital algarvia.

Cursos Nocturnos de Electromecânicos em Olhão

Prossegue no próximo ano lectivo o Curso de Aperfeiçoamento Nocturno de Electromecânicos na Escola Industrial de Olhão, que tanto interesse suscitou. As matrículas encerram já na sexta-feira, devendo os candidatos possuir a 4.ª classe, completar 14 anos até 1 de Outubro e estar empregados.

Por conveniência urgente de serviço, foi nomeado mestre provisório de Serralharia na Escola Industrial e Comercial de Portimão, o sr. Fernando Manuel Pinto Nunes, tendo sido nomeada mestra de Grafias na mesma Escola a sr.ª D. Maria Dulcinea Borges Alves dos Reis Oliveira Lucas.

Na terra da gente que foge

(Conclusão da 1.ª página)

Várzea do Poço (que distam apenas 200 metros de locais onde há luz eléctrica) a gente quer instalação eléctrica. O mesmo acontece na Pedreira.

Mais: a gente deseja a reparação do troço de estrada, na extensão de cerca de um quilómetro entre o Largo das Vendas Novas e o cemitério e a reparação do troço de estrada (1,5 quilómetros) que sai do mesmo Largo e vai desembocar na estrada que liga o Barranco Velho a S. Bartolomeu de Messines.

Mas antes de mais a população desejará saber se a Junta está a servir a terra ou não. Porque o progresso não é de taipa.

Pedro Xavier

Bloco Pensão Helena

Frente para três ruas. Vende-se, sito na zona central de Olhão. Também troca por apartamentos.

Escreva a F. Paula Brito— R. Alexandre Herculano, 49 — OLHÃO — Telef. 72401.

Ministério das Obras Públicas

Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos

Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos

Divisão de Obras

Plano de Rega do Alentejo (2.ª fase)

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DE CASAS DE FISCAL E DE CANTONEIRO DE REGA, NO APROVEITAMENTO HIDROAGRÍCOLA DO ALTO SADO.

Anuncia-se que se encontra aberto o concurso público para arrematação da empreitada acima referida, sendo de 30 (trinta) dias o prazo de apresentação das propostas, o qual será contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no Diário do Governo.

O acto público do concurso realizar-se-á na Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, situada em Lisboa, na Rua de S. Mamede (ao Caldas) n.º 23, pelas 15 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de trinta dias fixado neste anúncio, ou pelas 10 horas, se esse dia for um sábado.

Depósito provisório 35 000\$00

São exigidos aos concorrentes os seguintes alvarás:

— I categoria ou 1.ª subcategoria da I categoria e classe e subclasses correspondentes aos valores das propostas.

Os projectos, o caderno de encargos e o programa de concurso poderão ser examinados na Divisão de Obras da Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos desta Direcção-Geral, situada em Lisboa, na Rua de S. Mamede (ao Caldas) n.º 23, em todos os dias úteis e nas horas de expediente.

Lisboa, 31 de Julho de 1970.

O Engenheiro Director-Geral,

(a) Armando da Palma Carlos

RENEEL

IMPERMEABILIZAÇÕES DE TERRAÇOS
40 ANOS DE EXPERIÊNCIA
LISBOA - PORTO - FARO

FARO
R. DO SOL, 20
TELEF. 24166

Colégio Sousa Martins
Internato — Externato
Telefs. 22149 e 250849 — VILA FRANCA DE XIRA

- Primário Elementar
- Ciclo Preparatório do Ensino Secundário
- Geral dos Liceus
- Complementar (3.º Ciclo)

Exames oficiais realizados no próprio Colégio

Incongruências no ensino

(Conclusão da 1.ª página)

ficados para determinada tarefa, tem, antes de tudo, que viver tal como sucede desde o início da humanidade.

Se a sobrevivência é hoje mais onerosa do que nunca, também hoje as leis da remuneração justa para qualquer trabalho, são apanágio de evolução e de justiça. Os estudantes não ignoram que a vocação ou tendência para seguir este ou aquele curso está, em regra, aliada aos vencimentos e regalias a auferir. Como ficar indiferente perante o caso de centenas de professores, quicá milhares, que são dispensados durante Agosto e Setembro e, às vezes, só a tantos de Outubro voltam a ter trabalho? Quantas nações europeias terão assim professores eventuais ou provisórios sem ordenado nas férias? Não ignoramos o que, há perto de duas décadas, foi preconizado para os professores do ensino particular: férias pagas! E os outros, os que resolvem a situação das escolas oficiais e nelas preenchem a maioria dos lugares? Vivem do ar ou... a crédito? Quando mais precisamos de retemperar energias e repousar, descontraindo, para enfrentar essa gigantesca batalha, cada vez mais difícil e arrasadora, que é a educação e instrução dos nossos jovens, os professores vêm-se desprestigiados e esquecidos no confronto com os seus colegas do ensino particular. Ora, estas amargas realidades não só afectam quantos seguram a carreira docente como os que para ela se sentem inclinados. Se por um lado convém alertar o estudante para a existência de variados cursos, por outro há o dever de garantir condições de vida que o não façam arrepender da escolha e do seu aturado estudo.

pagos os meses de Agosto e Setembro. Nada mais justo e oportuno para que haja um mesmo tratamento para os que leccionam em escolas oficiais e em privadas. Oxalá que a intenção do prof. Veiga Simão perdure e o estudo encajado não tarde a concluir-se.

Uma arreliante certeza veio ensonbrar ainda mais as férias grandes desses professores. Na grande maioria prestavam serviços complementares nos primeiros dias de Agosto, nomeadamente em mapas estatísticos e relatórios. Embora extenuados, o pagamento dos 10 dias de Agosto sempre era uma ajuda. Eis que neste fim de Julho, a Direcção do Ciclo Preparatório, em cujo Estatuto se afirma no Art.º 31 — 1 que «o ano escolar tem início em 1 de Outubro e termina em 10 de Agosto seguinte», dispensa os serviços dos seus professores provisórios porquanto lhes exigiu todas as tarefas prontas em 31 de Julho e, só em raríssimos casos, admitiu que prosseguissem até 10 de Agosto quando se provasse que não era possível ter completado certos trabalhos estatísticos.

Se em Aveiro o titular da Educação promete estudar o pagamento de férias, a que atribuir a atitude da Direcção do Ciclo? Será com estas incongruências que atrairemos adeptos para o professorado? Será?

Maria de Olhão

Afogada numa praia

Foi encontrado a boiar, na praia da Salama, o cadáver da sr.ª D. Maria Silveira, de 74 anos, trabalhadora rural, viúva, natural da freguesia de S. Teotónio (Odemira), e residente no Monte dos Tabuleiros, freguesia de Sagres. Acidentalmente, residia agora em Budens. Não há suspeita de crime.

Propriedade de regadio

Toma-se de arrendamento, até 10 ha., nos arredores de Olhão, desarborizada no todo ou em grande parte. Resposta a este jornal ao n.º 13 274.

A Legião Portuguesa louvou um oficial algarvio

O sr. general comandante geral da Legião Portuguesa, em Ordem de Serviço do Quartel General datada de 30 de Junho último, louvou o sr. comandante de Batalhão, Alfredo Ferro Galvão, porque «sendo legionário da primeira hora, nunca através dos longos anos da existência da L. P. deixou de estar ao serviço activo, onde ingressou como simples soldado, mantendo-se sempre o mesmo homem de carácter firme e de um indefectível nacionalismo e amor patriótico, o que sempre tem demonstrado e revelado em todos os actos da sua vida; possuidor de todas as condecorações da L. P., até à mais alta, o que bem confirma as relevantes qualidades apontadas, deve ser indicado como exemplo aos legionários do seu comando, tornando-se assim criador da consideração e estima de subordinados e superiores».

O sr. Alfredo Galvão desempenha presentemente as funções de 2.º comandante distrital de Faro da L. P. e de presidente da Câmara Municipal de Olhão.

Lavandaria

Trespasa-se em Portimão, por os seus proprietários não poderem estar à testa.

Trata no local na Rua Júdice Fialho, 52.

Ótimo Emprego de Capital Grande propriedade vende-se:

SERVICE OFICIAL DIESEL
BOSCH — CAV — SIMMS
PESSOAL ESPECIALIZADO
MAQUINAS ELECTRONICAS
EXECUÇÃO RAPIDA
Ao seu dispor nas
OFICINAS ARMANDO DA LUZ
ZONA DO DIQUE — Tel 3405
PORTIMÃO

Na Luz de Tavira, junto à Estrada Nacional, com 6 hectares de terreno em regadio, pomar de citrinos com 800 árvores, abundância de água mesmo em anos secos, habitação para caseiro e mais dependências.

Resposta à Redacção deste jornal ao n.º 13219.

Sebastião Leiria

Monte Gordo

Vend. andares e lojas na melhor Avenida em frente do mar. Resp. Av. de Roma, 70-3.º-F-Dt.º — Lisboa - 5.

A Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve Espera por si

- Se tem entre 16 e 35 anos
- Gosto por uma profissão moderna e bem remunerada
- Inscreeva-se num dos Cursos que lhe oferecemos

- ANDARES
- BAR
- CONTABILIDADE HOTELEIRA
- COZINHA
- ECONOMATO
- MESA
- RECEPÇÃO

(Inscrições de 15 de Agosto a 15 de Setembro)

Para mais informações, dirija-se à Secretaria desta Escola, Rua do Letes, 32 — Faro, ou telefone para 22083/4

E preciso refrear os ladrões de silêncio

(Conclusão da 1.ª página)

dade nem sossego possível, sob o bombardeio contínuo de tão agressivos sons. Roubam toda a hipótese de concentração a quem tem de estudar, ou ler, ou resolver os problemas que a vida impõe. Roubam a amenidade de uma conversa, pois tais roncões altamente fortes, penetram no mais fundo das nossas casas, nos cafés, nos templos, em qualquer outro local de reunião, a ponto de os convivas, de instante a instante, terem de falar aos gritos para se fazerem ouvir. Roubam o prazer de uma boa disposição, de um momento de alegria.

São ladrões, «ladrões de silêncio». Criminosos de direito comum, circulam livremente, em plena liberdade, sem que qualquer força legal lhes saia ao caminho e os meta na ordem.

Porque sucede isto? De que imunidade sem limites beneficia esta delinqüência crassa e zombeteira? Será apenas crime o assalto à alheia propriedade física? Só os ladrões de jóias, ou de outros bens materiais, devem ser considerados como tal? Crê-se que não. A lei é igualmente severa para com aqueles que atentam contra os direitos de liberdade da pessoa humana. Ora, se um cidadão não tem a liberdade de poder dormir em sua casa, de pensar, escrever ou ler, de conversar, orar, ou repousar em paz, porque tal liberdade lhe é roubada, inofensivamente há que punir os prevaricadores, neste caso os «ladrões de silêncio».

Do que estão à espera os agentes da lei, que a não defendem desse bando de crianças desdenhosamente irreverentes, malcriados por propósito ou por falta de educação? Por que razão os guardiões da ordem pública não vêm ou, vindo, se quedam tolerantes perante esta desordem, esta reinante anarquia dos «ladrões de silêncio»?

Defender a paz da noite resumir-se-á a prender os bêbedos que cambaleiam os seus desconhecidos discursos de revolta ou de desafogo?

Mal se pode compreender que determinadas indústrias não se instalem no âmbito dos agregados populacionais por via da sua actividade ruidosa; que os automobilistas e camionistas estejam sujeitos a pesadíssimas penas por transitar com os escapes livres; que não se possa buzinar de noite e que a maviosidade das serenatas esteja proibida, não se possa fruir, porquanto quebram o silêncio e com ele o descanso de quem está recolhido em suas casas, mas pode, por outro lado, permitir-se, e consentir-se, que a estupidéz passeie impune por todas as ruas que lhe apeteçam, até de madrugada (!), o estrepito enervante e criminoso dos motorzocos das petulantés bicicletas.

Mil vezes as serenatas, o buzinar accidental, o bêbedo que passa, o ruído de uma laboração industrial que, por ser contínuo, deixa de se ouvir, por hábito.

Punam-se, pois, de vez, os «ladrões de silêncio» e, se se entender não proceder criminalmente, por dificuldade na concretização da intenção criminosa, que sejam aturados por contravenção à lei que regula a circulação dessas mesmas bicicletas, a qual leva até à apreensão do veículo, em tais casos, ou a da carta de condução definitivamente.

Os «ladrões de silêncio» circulam, na sua grande maioria, com os tubos de escape desequipados do silenciador impeditivo dos ruídos das explosões, porque eles o retiram a fim de obter um maior desenvolvimento do motor e porque fazem gala em produzir o maior barulho possível, em exibição tola e vaidosa de grande potencialidade. Assim, em permanente transgressão, por que não acabar-se-lhes definitivamente com o devaneio?

Especialmente aos sábados e aos domingos os «ladrões de silêncio» descem à cidade. Vêm dos meios rurais, aos bandos, roncando cada qual o mais que pode, todos impanes de prepotência e de cromados. Depois de uns volteios pelos pontos principais, em despique de velocidades e do maior barulho, com acelerações ao rubro branco, tão desnecessárias como imbecis, acampam em regra nas tabernas com trânsito para o cinema e daí para os cafés, até fechar, lá para as quatro da madrugada. Tem então lugar a prova máxima da resistência de nervos da cidade indefesa e da selvajaria sádica dos «ladrões de silêncio».

A cidade é deles, está-lhes inteiramente à mercê e não se vê valma passar nas ruas, inclusivamente aquelas a quem o dever manda que passem.

Por efeitos do vinho ingerido, campeia então o maior desatino, o caos, sob a forma de loucas correrias, em falas, em altos berros por cima das acelerações dos motores, e o mais que lhes sugerem as excitadas fantasias, tudo no meio de uma abundante produção de palavras e obscenidades. E, a verdade é esta: não lhes acontece nada.

Porquê?, pergunta-se mais uma vez para bem se despertar a consciência de quem seja nisto responsável.

Ainda agora, à hora em que se escrevem estas linhas, e são três e meia da manhã, os «ladrões de silêncio» aí andam, dominadores, impunes, triunfalmente.

Isto não pode continuar. Isto tem de acabar. Alguém há-de ter de pôr cobro a este enorme abuso, esta nitida agressão física e espiritual na pessoa da população pacífica e indefesa de uma cidade civilizada.

E, para que se não julgue exagerado quanto se relata, até que ponto de desvairamento pode ser levado o cidadão vítima, bom é que se saiba que numa noite, não há muito, a irritação provocada foi tal que houve quem, sem poder de modo algum conciliar o sono e inteiramente descontrolado, viesse à janela da sua casa e munido de uma arma de fogo disparasse por duas ou três vezes sobre os «ladrões de silêncio».

Ai os valentes tresmalharam-se apavorados, fugindo que nem lebres cada um para seu lado, sem mesmo querer mais saber das suas preciosidades roncadoras que deixaram tombar para o chão.

É grotesco e provoca a hilaridade mas, se por infelicidade trágica, um dos ladrões é ali abatido, que trabalhos não adviriam então para a pessoa que disparara, é certo, mas que agira em irresponsabilidade, possuía como estava da mais compreensível cólera?

Isto não pode continuar. Acabe-se de vez, sem contemplação nem demora, com este índice de cafrealidade, com os estípidos «ladrões de silêncio».

Tavira, Agosto de 1970

Sebastião Leiria

Está no Algarve o bispo de Madarsuma

Hóspede de D. Júlio Tavares Rebimbas, bispo do Algarve encontra-se na nossa Província o sr. D. António dos Reis Rodrigues, bispo de Madarsuma e capelão-chefe das Forças Armadas.

QUEM BEBE VINHOS

ARRUDA

NÃO MUDA

Produzido pela: ADEGA COOPERATIVA DE ARRUDA DOS VINHOS

exija-os sempre a sua mesa
em casa, no bar ou no restaurante

TINTO • BRANCO • RUBI

Um produto da rede distribuidora

DEPOSITOS — FARO telef. 23669 — TAVIRA telef. 264 — LAGOS telef. 287
PORTIMÃO telef. 148 — ALMANCEL telef. 34 — MESSINES telef. 8 e 89

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

ESTABELECIMENTOS T. C. P. L. FONTAINHAS PIETRO COELHO & ROCHA, S.A.
S. B. DE MESSINES — ALGARVE — PORTUGAL

ESPAÇO DE TAVIRA

À margem do Festival do Algarve

Os Jogos Florais de Tavira decorreram no sábado passado, no Jardim do Castelo e dessa realização tirámos alguns apontamentos que nos parece terem interesse. Creemos que tudo obedecia a um programa previamente traçado, mas este apontamento tem duas direcções opostas.

A primeira, para o lado negativo. Desgostou-nos o facto de, além de entidades convidadas, se ter visto ali um reduzido número de pessoas. Falta talvez de projecção, de propaganda ao Festival. É certo que a Secretaria de Estado de Informação elaborou um programa geral do chamado Festival do Algarve, e dele fez publicidade. Mas, particularmente, estes jogos deveriam ter sido alvo, entre nós, de especial difusão, com cartazes elucidativos, com uma divulgação que não tivesse sido como que «privativa»... Mesmo assim, o número de produções entradas parece ter atingido cifra verdadeiramente satisfatória. Maior seria ainda, se, sem qualquer exclusividade, se tivesse dado com maior antecedência, o respectivo programa e regulamento...

Uma outra nota de estranheza tem de se atribuir ao facto — quanto a nós insólito — da abertura dos sobrescritos lacrados não ter sido efectuada ali, diante daquele público, embora pouco, que havia acorrido ao Jardim do Castelo. E que nos dá uma sensação muito diferente, o não sabermos quando foram conhecidos os nomes dos vencedores e outros classificados, e o facto desse segredo não ser divulgado apenas ali, à vista dos presentes. Aliás, creio que, classicamente, assim se fizera sempre, não importando a presença ou não de qualquer dos classificados. Tudo se vai alterando na vida e até o sistema de divulgação dos premiados num concurso desta natureza poderá vir a ser efectuado como se entenda. Nada o obsta, mas estamos convencidos de que todos gostaríamos muito mais de saber que, apenas na sua frente haviam sido revelados ao júri e público os nomes dos melhores autores, mesmo evitando especulações quanto ao assunto. Longe de nós a ideia preconcebida de atacar a validade das decisões, que, quanto a nós e salvo uma ou outra excepção, foram bastante equilibradas. Mas a modalidade, não haja dúvida, que se presta a controvérsias e, quanto a nós (modesta opinião) não concordamos...

Para o resto, um aplauso. Aplauso à iluminação, pois, embora já tivéssemos ouvido uns «zum-zuns», desconhecíamos que o Jardim do Castelo estava iluminado. O «Espaço de Tavira» também o desconhecia, mas mercê destes Jogos Florais, ficou a saber o que lá se encontrava, ficou a conhecer um melhoramento da nossa cidade. Desvantagens de não compartilhar de certa exclusividade no campo da informação...

Aplauso também à actuação da Orquestra Filarmónica de Lisboa, e ao seu maestro, sr. Manuel Ivo Cruz, pelo excelente nível musical, pela maneira como actuou. Os aplausos finais, justificaram, aliás, o interesse com que foi seguida essa bela actuação.

Aplauso ainda à maneira simples e

desempeçada como Gentil Marques deu sequência aos Jogos e como Laura de Soveral e João Pires interpretaram as melhores produções.

Aplauso, enfim, a todo o conjunto e a um espectáculo que, como dissemos, teria merecido melhor animação, com mais público, com mais calor humano.

E antes de finalizar este apontamento à margem de um festival tavirense, duas ideias que nos ocorreram. A primeira, a de pedir aos poderes locais para não transigirem na instalação de qualquer café ou esplanada no jardim do Castelo, como se transigiu quanto ao Jardim Público da Rua José Pires Padinha. Isto, hoje em dia, nunca se sabe...

A outra ideia, é de finalizar este «Espaço», dando à estampa a produção do nosso prezado camarada Sebastião Leiria, classificada em terceiro lugar no género de poesia obrigada a mote, do certame tavirense. Para ele, o nosso abraço e a nossa alegria pela honrosa posição conquistada entre tantos trabalhos recebidos.

Luís M. Horta

MOTE

Tudo se lê num olhar
Porque os olhos, sem ter voz,
Dizem mesmo sem falar
O que vai dentro de nós.

Manuel Virgínio Pires

GLOSA

A ternura ou o amor
Como a tristeza ou a dor
Não se podem ocultar;
Ainda que a gente queira
Esconder, — não há maneira!... —
Tudo se lê num olhar.

Um olhar tudo confessa
Desde a repulsa à promessa,
Do ciúme à mágoa atroz...
E não adianta fingir,
Quer chorando, quer a rir
Porque os olhos, sem ter voz...

Tudo dizem francamente
Naquela luz que não mente
E é espelho d'alma a brilhar...
Até isso que se cala,
Que a gente sente e não fala,
Dizem mesmo sem falar!

Mais que a mensagem ardente,
Mais que a palavra fluente,
Num só relance, veloz,
Um olhar segreda em chama
A alguém a quem se ama
O que vai dentro de nós.

VERO

(Sebastião Leiria)

Perdeu-se

Carteirinha de mão, no sábado passado, em Vila Real de Santo António. Contém terço de muita estimação, chave, etc.
Dão-se alvissaras. Resposta ao n.º 13 299 deste jornal.

PARA FARO
GRANDE ORGANIZAÇÃO PRECISA
MECÂNICOS - PINTORES
E BATE - CHAPAS
RESPOSTA AO N.º 13305 DESTE JORNAL

Reunião da Comissão Técnica Regional do Ministério da Economia no Distrito de Faro

Estiveram presentes à reunião de 7 do mês findo, da Comissão Técnica Regional do Ministério da Economia no Distrito de Faro, os representantes das Direcções Gerais dos seguintes Serviços: Agrícolas, Pecuários, Industriais, Florestais e Aquícolas, Junta de Colonização Interna, do Fundo de Fomento Florestal e Inspeção Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais, assim como dos organismos de coordenação económica adiante mencionados: Comissões Reguladoras do Comércio do Bacalhau, dos Produtos Químicos e Farmacêuticos e das Oleaginosas e Óleos Vegetais; Juntas Nacionais dos Produtos Pecuários, do Azeite, dos Resinosos, do Vinho, da Cortiça, assim como do Instituto Português de Conservas de Peixe. Seis dos vogais trabalham fora do distrito de Faro.

Na sequência da esquematização e ordenamento prioritário para a instalação das indústrias que mais interessam ao Algarve, tratou-se:

1 — possibilidades de transformação da indústria manual do calçado para um volume actual de 3,5 milhões de contos, dos quais 70% para a América do Norte e os restantes 30% para países também fortemente industrializados, como a Alemanha, Inglaterra e França.

2 — Criação de mais unidades de fabricação de aglomerados de cortiça, em vez do fabrico de prancha, para o que se torna necessário a obtenção de capitais para nelas serem investidos.

Foram apreciados dois pedidos de parecer, para concessão de subsídios, apresentados por alugadores de máqui-

nas agrícolas, que ficaram dependentes de dúvidas levantadas.

As inscrições para a cultura subvencionada de milho híbrido foram 583, discriminadas pelos seguintes concelhos: Faro, 289; Tavira, 108; Silves, 66; Loulé, 50; Olhão, 36; Albufeira, 14; Lagos, 7; Castro Marim, 6; Portimão, 5; Lagos, 4; Monchique, 3. Foi resolvido oficial a diversos grémios da lavoura, pedindo informações, assim como esclarecer e eliminar algumas inscrições por terem sido mal feitas.

Por terem caducado o seu mandato, sem possibilidade de reeleição, nos termos regulamentares, dos actuais presidente e seu substituto, foram eleitos para o novo biénio, respectivamente, os vogais eng. Alberto Ladislau Correia Vargues, delegado da Junta Nacional das Frutas e eng. Bento dos Santos Nascimento, director da Estação Agrária de Tavira e delegado da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas no Algarve.

Pela maneira dedicada e competente como os anteriores dirigentes desta Comissão Técnica Regional eng. Bento do Nascimento e dr. Trigo Pereira, a orientaram durante quatro anos, folhês aprovados, por aclamação, um voto de louvor.

Vai ser rodado um filme a cores sobre o Algarve para a TV Alemã

O Algarve continua na ordem do dia e assim não raro é surgirem artigos, estudos ou documentários sobre a provincia do sul em grandes órgãos informativos estrangeiros.

Frederico Puhl é um realizador cinematográfico alemão, que já rodou cinco filmes sobre o nosso País. O último foi dedicado aos Açores e suscitou o maior interesse na T. V. alemã, para a qual se destinam, na emissão a cores os filmes de Puhl. Este na sua Quintinha Emilia, em Albufeira, prepara nova película, cujas filmagens se iniciam segunda-feira, prolongando-se até 3 ou 4 do próximo mês. Entre 6 a 8 milhões de telespectadores alemães vão ter o ensejo de apreciar o Algarve, nos seus aspectos de pesca, turismo, agricultura e história.

O filme será colorido e recordamos que Frederico Puhl foi o autor de um documentário sobre a vida e as comemorações centenárias do Beato Vicente António de Albufeira.

MINIALFA — 1 E 2

A ELECTROBOMBA QUE MAIS SE VENDE EM PORTUGAL

«SOALFA», a mais completa gama de Electrobombas

Electrobombas para água sob pressão

Electrobombas para vinho e líquidos especiais

MOTORES ELÉCTRICOS PARA TODAS AS INDÚSTRIAS

Rebobinagens — Balastros

IREL — Rua de S. Mamede (ao Caldas) 30 B — LISBOA

Em Olhão

Fundição de ferro, alumínio e bronze e Serralharia Mecânica e Civil.

Trespasa-se ou arrenda-se. Dirigir ao Apartado n.º 85 — OLHÃO.

Notariado Português

Cartório Notarial do Concelho de Lagos

A cargo da Notária Licenciada Palmira Amaral Seabra

Certifico narrativamente, para efeito de publicação, que neste Cartório no Livro de Notas para escrituras diversas A-trinta e um de folhas quarenta e uma verso a folhas quarenta e cinco, se en-

contra exarada uma escritura de Justificação Notarial outorgada em vinte e nove de Julho do ano corrente, na qual António Rosado Nunes Lisa, casado, sob o regime de comunhão de bens adquiridos na vigência do Código Civil actual com Maria Helena de Oliveira Pires Nunes Lisa, com residência habitual na Mexilhoeira Grande, concelho de Portimão, se declara, com exclusão de outrém, dono e legítimo possuidor da nua propriedade do prédio rústico composto de terra de semear, horta, mata de eucaliptos e outras árvores, e casas para caseiro no sítio do Arão, freguesia de Odiáxere, concelho de Lagos, inscrito na matriz sob o artigo 864, e descrito na Conservatória do Registo Predial de Lagos sob os números 5 876 e 5 877 a folhas 17 verso e 18, respectivamente, do qual é usufrutuária Mariana Júlia da Silva, viúva, residente habitualmente no sítio do Arão, já referido, a qual lhe vendeu a nua propriedade por escritura outorgada neste Cartório em 23 de Dezembro do ano findo, no Livro respectivo B-25 a folhas 24 verso, sendo o justificante na altura solteiro. Que, esta por sua vez adquiriu o prédio em referência em inventário judicial por óbito de seu marido Joaquim Gabriel Baptista. Que este o adquiriu por morte de sua mãe Maria de Jesus Baptista, da qual foi o único herdeiro. Mais alega o justificante que o prédio foi adjudicado à Maria de Jesus Baptista na partilha a que procedeu com os demais interessados, por óbito de seu marido João Inácio Gabriel, partilhas essas que o justificante ignora em que Cartório foram lavradas, apesar de todas as diligências a que procedeu.

Está conforme o original, o que certifico.

Lagos e Cartório Notarial do Concelho, sete de Agosto de mil novecentos e setenta.

A Notária,

Palmira Amaral Seabra

J. L. Cunha Monteiro

MÉDICO

Consultas diárias a partir das 15 horas — Hospital Marques de Pombal, em Vila Real de Santo António.

A partir das 10 horas, em Vila Nova de Cacela

CAFÉ

Trespasa-se em Odiáxere

Muito bom negócio, motivo à vista.

Informa telefone 14116.

GRÁTIS!

Oferecemos um MAGNÍFICO RELÓGIO SUIÇO para homem ou senhora



na compra de

Televisores rádios e gravadores

Máquinas de lavar

Frigoríficos e fogões

Aspiradores e enceradoras

Gira discos

Televisores e rádios

GRUNDIG

Candy

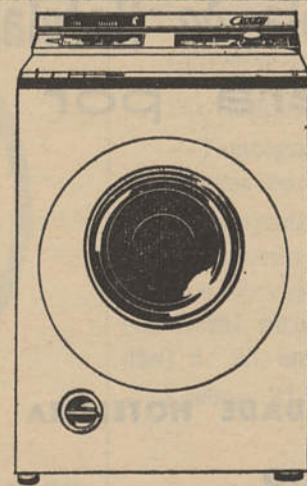
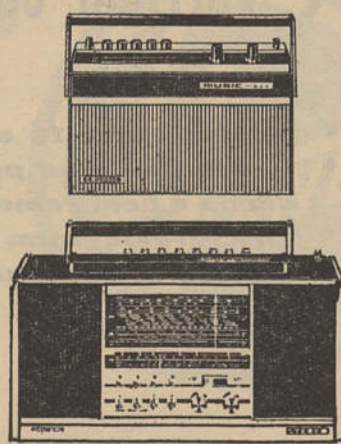
KING FAGOR

PROGRESS

Perpetuum-Ebner

LUMOPHON

FACILIDADES
ATE
24
MESES



Aproveite já esta oportunidade pois esta oferta é limitada; dirija-se sem demora a

ELECTROMERCADOS DO ALGARVE, LDA.

TAVIRA
Rua da Liberdade, 32

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Rua Teófilo Braga

OLHÃO
Rua 18 de Junho, 4 C e 4 D

ou a RÁDIO BERCKO

ALBUFEIRA
Av. Eduardo Rios, 16

PORTIMÃO
Rua da Guarda, 49

JORNAL DO ALGARVE
N.º 699 — 15-8-1970

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

2.ª PUBLICAÇÃO

Faço saber que no dia SEIS do próximo mês de OUTUBRO pelas CATORZE HORAS, no Tribunal Judicial desta comarca, na execução sumária que corre pela Secretaria do mesmo Tribunal contra JOSÉ MARIA DO CARMO, divorciado, comerciante e proprietário, residente em França, e Outros, serão postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima dos valores adiante indicados, os seguintes prédios apreendidos àqueles executados:

PRIMEIRO

BENS DO EXECUTADO
DOMINGOS MARTINS
ANTUNES:

O direito a metade num prédio urbano térreo, no sítio do Calço, freguesia de Vila Nova de Cacela, desta comarca, inscrito na matriz sob o artigo setecentos e cinquenta e cinco, que vai à praça pelo valor de dois mil quatrocentos e trinta escudos.

SEGUNDO

O direito a um oitavo num prédio rústico, no sítio do Calço, freguesia de Vila Nova de Cacela, desta comarca, inscrito na respectiva matriz sob o artigo quinhentos e setenta e nove, que vai à praça pelo valor de oitocentos escudos.

TERCEIRO

IMÓVEL PERTENCENTE
AO EXECUTADO JOSÉ
MARIA DO CARMO:

Prédio rústico, no sítio da Bornacha, Vila Nova de Cacela, inscrito na respectiva matriz sob o artigo dois mil quinhentos e cinco, que vai à praça pelo valor de seis mil seiscentos e vinte escudos.

Vila Real de Santo António, 31 de Julho de 1970.

O Escriturário,

a) António Desidério Batista
VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

a) Manuel Nuno de Sequeira
Sampaio da Nóvoa

Actualidades desportivas

«X Troféu Giralda», em Sevilha

Partem na segunda-feira para Sevilha as equipas do Farense e do Olhanense, que ali iniciam na terça-feira a disputa do «X Troféu Giralda», competição em que participam também o Cádiz e o Triana de Sevilha.

AUTOMOBILISMO

Prova de Perícia em Armação de Pêra

Realiza-se amanhã, às 16 horas, em Armação de Pêra, uma Prova de Perícia Automóvel patrocinada pela Câmara Municipal de Silves e organizada pelo Rascal Club.

Pessoa desportiva

Prova «António da Silva Guerreiro»

No molhe leste da barra do porto comum de Faro-Olhão, o Clube dos Amadores de Pesca de Faro promoveu o concurso «António da Silva Guerreiro», em homenagem ao sócio fundador.

Vai ter início o I Concurso Internacional de Albufeira

Na zona compreendida entre Vale do Lobo e a Meia Praia efectua-se no próximo dia 23 o I Concurso Internacional de Pesca Desportiva ao Corrico.

VENDE-SE MOBILIA de casa de jantar e de quarto

Por motivo de retirada, vende-se mobília de casa de jantar e de quarto, e aluga-se r/chão com várias divisões, jardim e quintal em Vila Real de Santo António.

BARCOS

Em plástico, modelo 300 da Polinave, em estado de novos, mostra o banheiro Miguel — Praia de Monte Gordo, Telef. 421, em Vila Real de Santo António.

Trespasa-se em Faro

Mercearia e vinhos, bem afreguesada, bom local, lugar de futuro, motivo doença. Informa o próprio, na Rua Dr. José de Matos, 141-143 Bom João — Faro.

Limousine

Reprodutor, macho, nascido em 20 de Março de 1969, vende-se. Mostra Albino Maria Silvestre — Bordaleta — Bordaleta (Aljezur).

Decorreram com brilho os Jogos Florais de Tavira

Os Jogos Florais de Tavira, integrados no Festival do Algarve, em realização da Secretaria de Estado de Informação, com a colaboração da Comissão Regional de Turismo do Algarve e Câmara Municipal de Tavira, tiveram o seu epílogo na noite de sábado passado no jardim do Castelo.

Presentes os srs. dr. Jorge Correia, presidente da Câmara Municipal de Tavira, dr. Pearce de Azevedo, presidente da Comissão Regional de Turismo da nossa Província e eng. Ollas Maldonado, administrador-delegado da referida Comissão, outras entidades locais e ligadas ao turismo e numeroso público.

A sessão final dos Jogos iniciou-se com palavras de aplauso à realização do Festival do Algarve e deste certame, pelo dr. Jorge Correia, Gentil Marques dirigiu a proclamação das produções mais classificadas, encarregando da leitura a artista Laura de Soveral e o amador João Pinto Dias Pires, com interpretações bastante agradáveis.

O júri, constituído pelos srs. presidente da Câmara Municipal, dr. Gamboa Leitão, director da Escola Técnica, José Joaquim Gonçalves, vereador e Manuel Virgínio Pires, director do nosso prezado colega «Povo Algarvio», estabeleceu a seguinte ordem de classificação, em cada um dos géneros, além de menções honrosas:

Poesia lírica: 1.º, M. Amélia Pinto de Carvalho e Almeida, de Lisboa, com «Maternidade»; 2.º, Idalino Cabecinha, de Setúbal, com «Diferença» e 3.º, M. de Lourdes Peres Fatal Canteiro, de Aigualva, Cacém.

Poesia alegórica a Tavira: 1.º, Anibal António de Lima Nobre, de Faro, com «O quadro que Deus pintou»; 2.º, M. Natália Miranda, de Lisboa, com «Tavira»; 3.º, M. do Pilar Teixeira da Silva Andrade Figueiredo, do Porto, com «O amanhecer em Tavira».

Poesia obrigada a mote: 1.º, dr. Velasco Martins, de Lisboa; 2.º,

Guilhermina de Avelar de Estremoz; 3.º, Sebastião Leiria, de Tavira.

Quadra popular: 1.º, Dimas Lopes de Almeida, de Vila Nova de Gaia; 2.º, Saül H. Ventura, de Campo Maior e 3.º, Amélia Cândido Jordão, de Faro.

Foi revelado que haviam concorrido cerca de meio milhar de produções, o que atesta o interesse desta realização, embora não tenha sido difundida com maior antecedência e relevo.

A encerrar o programa, a Orquestra Filarmónica de Lisboa que sob a direcção do maestro Manuel Ivo Cruz, havia actuado, no seu início, deliciosa novamente a assistência com primorosa execução de música sinfónica, tendo no final sido premiada com uma prolongada salva de palmas.

Festas no Algarve

Na Ilha da Culatra (Faro)

Com grande brilho decorreram na ilha da Culatra as tradicionais festas em honra da Senhora dos Navegantes, padroeira dos pescadores. Presidiu D. Júlio Tavares Rebimbas, bispo do Algarve encontrando-se presentes várias individualidades. Teve grande acompanhamento a procissão ao longo do núcleo habitacional da ilha.

Os números de carácter popular (corrida de sacos e de botes, etc.) suscitaram grande interesse.

Pela primeira vez actuou o Rancho Infantil da Ilha da Culatra, exibindo-se vários artistas de variedades.

Em TAVIRA

Trespasa-se estabelecimento comercial amplo, em edifício próprio, no melhor local da cidade, podendo servir para qualquer ramo, incluindo o bancário.

Trata-se na Rua da Liberdade, 44.

Apartamentos em Quarteira

Apartamentos por estrear, vendem-se na praia de Quarteira.

Óptima vista para o mar. Com 5 assoalhadas.

Tratar pelo telefone 62181 — Loulé.

Apartamentos em Quarteira

Vendem-se apartamentos num prédio em acabamento para 6 inquilinos, a 200 metros da praia. Tratar com José de Sousa Baião & Irmão, no escritório em Quarteira (ao lado do Mercado) Telef. 65191 ou 65215.

Ajudante de Cozinha Precisa-se

Para o Restaurante da Aldeia, na Aldeia Turística das Areias de S. João—Albufeira Telefone 39

Lusitano Futebol Clube Vila Real de Santo António Convocatória

De harmonia com o estabelecido pelo Art.º 23.º e nos termos do Artigo 25.º dos nossos estatutos, convoca-se a Assembleia Geral Ordinária deste Clube para se reunir na Sede do mesmo, no próximo dia 19 de AGOSTO de 1970, pelas 22,00 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos.

- 1.º — Apreciação e votação do Relatório e Contas da Gerência de 1969/1970, e Parecer do Conselho Fiscal. 2.º — Eleição dos Corpos Gerentes para o Ano de 1970/71.

Não havendo número legal de Sócios presentes à hora marcada, a Assembleia iniciará os seus trabalhos 30 minutos (meia hora) depois com qualquer número de associados.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral Dr. José de Sequeira Colaço Fernandes

Houve entusiasmo em Portimão

com a Promoção Turística «À Procura de Portugal»

Foi bastante feliz o início da curiosa promoção turística «A Procura de Portugal», concebida por J. Pimenta SARL e realizada pelos Parodiantes de Lisboa, na parte radiofónica.

O concurso «Cozinheiro... Pois... Pois», efectuado, de tarde, na Praia da Rocha, provocou grande comovimento em virtude da exigência que impunha a cada concorrente a apresentação de um guarda-chuva e de frigideira, tendo dentro um ovo. Foi vencedor o estudante de Direito Vasco Manuel Mascarenhas Grade, que irá agora, de avião até Luanda, onde permanecerá durante onze dias. Outros prémios valiosos, também oferecidos por J. Pimenta SARL, vão proporcionar magníficas férias na Madeira, Açores, Lisboa, Porto e Faro, aos respectivos contemplados.

O espectáculo de música folclórica foi um êxito. Milhares de pessoas acudiram ao areal da Praia da Rocha para aplaudirem os ranchos do Calvário, Moncarapacho e Conceição. O primeiro ganhou a valiosa taça «J. Pimenta SARL» por ter sido distinguido com as maiores ovações. Um vistoso lançamento de fogo de artifício culminou a agradabilíssima reunião nocturna.

Três centenas de convidados a firma J. Pimenta SARL ofereceu uma ceia, no restaurante da Fortaleza. Aos brindes, falaram o industrial João Pimenta, para saudar os seus clientes residentes no Algarve, e as entidades oficiais a quem agradeceu as facilidades concedidas, o sr. dr. Manuel Vargas, conservador do Registo Predial de Vila Real de Santo António que, como cliente, fez um rasgado elogio à empresa J. Pimenta, modelar nos seus processos de honestidade, e, por último, o presidente do Município de Portimão, que agradeceu o contributo de J. Pimenta SARL dado ao fomento turístico algarvio através de espectáculos tão bem organizados.

TINTAS «EXCELSIOR»

Cozinheira, Empregadas de Mesa e Criadas Precisam-se Dirigir ao SKI CLUBE PRAIA DE FARO

Câmara Municipal de Lagos ANÚNCIO Venda de Terrenos

A Câmara Municipal de Lagos vende em hasta pública no dia 17 de Setembro de 1970, pelas 16 horas, os seguintes lotes de terreno na Avenida dos Descobrimentos, desta cidade, para construção urbana, destinados a habitação e comércio:

- Lote n.º 6 — área 471,50 m2 — para 3 pisos. Lote n.º 7 — área 301,50 m2 — para 3 pisos

A base de licitação é de 300\$00 por m2

As condições de alienação encontram-se patentes na Secretaria da Câmara Municipal, podendo ser consultadas durante as horas de expediente.

Paços do Concelho, 11 de Agosto de 1970.

O Vice-Presidente da Câmara, em exercício Joaquim Nunes Paleta

PENICHE VENDEM-SE 2 Barcos com licença das pescas costeiras, com aparelhos de anzol, redes da pescada e covos. 1 - Comprimento F. F. 19,m35 Boca 4,m70 Pontal 1,m68 Motor-CUMMINS de 205 H. P. 2 - Comprimento F. F. 12,m45 Boca 3,m79 Pontal 1,m30 Motor-VOLVO «PENTA» de 71 H. P. Trata - JOSÉ AUGUSTO PATA - Telf. 99345

Exposição do pintor Cândido Teles no Hotel da Balaia, em Albufeira

Prosseguindo nas magníficas e múltiplas promoções que tem vindo a realizar o Hotel da Balaia aloja agora um conjunto de pintura do conhecido artista Cândido Teles. Após o êxito que constituiu a exposição de tapeçarias de Maria José Risques Pereira, pela inovação de técnicas e riqueza de conteúdo artístico um «ponto alto», temos um certame de pintura.

A exposição de Cândido Teles compreende 20 trabalhos, a óleo e monotipia. A temática é toda votada ao Alentejo (pastores, sobreiros, ceifa, oliveiras, etc.), ao Algarve («Albufeira», «Ponta de Sagres», «Praia dos Pescadores», «Praia D. Ana», «Quarteira», «Água e Rochas», «Ancoradouro de Olhão», etc.) e à região natal do pintor, Ilhavo, «Moicinhos».

Ao acto inaugural assistiram várias personalidades de relevo na vida da Província, numerosos convidados, que tiveram o ensejo de apreciar a sensibilidade de Cândido Teles, cujos quadros figuram em diversas colecções nacionais e estrangeiras e nos Museus de Angola e Municipal de Ilhavo.

A exposição mantém-se aberta e patente ao público até ao fim deste mês.

Para os nossos pobres

O sr. José Herculano Leiria, nosso assinante em Lisboa, entregou-nos a importância de 20\$00 para os nossos pobres. Em nome dos contemplados, agradecemos.

Comemorações do Dia do Bombeiro

A Corporação dos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António celebra na terça-feira o Dia do Bombeiro, com o seguinte programa:

Às 18,30, formatura geral; às 19, entrega de machados, medalhas e diplomas; homenagem aos comandantes com o descerramento de fotografias em galeria própria; beberete aos bombeiros; às 22 horas, baile pelo Conjunto Oropesa e exibição do Rancho Folclórico da Fusetta.

A Corporação convida a população vila-realense a associar-se à festa, que é dedicada aos bombeiros e familiares, bem como aos sócios e famílias, e a visitar o quartel, que estará patente ao público.

Trespasa-se em Lagos

A Sapataria Zélia na Rua Dr. António José de Almeida, 36, com ou sem existência.

Trata José António Sequeira Borlinha.

Vendem-se

Propriedades — Várzeas. Informa: António Manuel Joaquim — Alcoutim.

ALUGA-SE

1.º andar, mobilado, com cinco assoalhadas e dois quartos de banho, esquentador, frigorífico, fogão a gás, roupas e louças, aluga-se no mês de Setembro e seguintes em Vila Real de Santo António. Dirigir a este jornal ao n.º 8920.

Casa

Rés-do-chão, mobilada, aluga-se nos meses de Verão, situada em Altura do Sul, região de Cacela. Dirigir carta a Rosa Elisa, Altura — Cacela.

Emilio Campos Corea MÉDICO ESPECIALISTA DOENÇAS DOS OLHOS

Ortópica (ginástica ocular) - Lentes de Contacto Consultas: Rua de Sto. António, 49 - 1.º Dto. — F A R O

ROGAMBOLE

(Continuação)

O PALÁCIO DA RUA BEAUJOU

— Para a Bretanha, para casa de uma parenta que habita uma propriedade situada no Finisterra. Aquilo é quase o fim do mundo e não é ali certamente que o namorado a irá procurar.

— Para isso seria necessário que o tribunal o absolvesse — disse sir Williams.

— O que não é de crer, porque o crime está provadíssimo.

— Meu caro sogro, não é de opinião que a justiça é infalível e castiga sempre o verdadeiro culpado?

— Oh! com certeza! — respondeu o senhor de Beaupreau com admirável sangue-frio.

— Com que então, as senhoras partiram?

— É verdade. Herminia ao princípio julgou que morria de desgosto, mas depois resolveu acompanhar a mãe, a quem eu havia aconselhado esta jornada como um meio de distracção.

— O melo é óptimo, meu caro sogro, e eu declaro que não há amor infeliz que resista a um mês de ausência. Parte a gente com a morte no coração e volta com o esquecimento por companheiro. O único antídoto do amor é o ar livre; não lhe conheço outro remédio.

— Por isso, Herminia voltará curada, sobretudo quando souber do crime de Fernando.

— Convém que por enquanto o ignore; as mulheres são dotadas de um carácter excêntrico, e chegam muitas vezes a amar a infâmia e

o crime. Vejamos primeiro o que resulta da decisão do tribunal.

— Muito bem — disse o sr. de Beaupreau.

— Agora diga-me, meu caro sogro, não haveria melo de eu fazer uma jornada até à Bretanha? O sr. podia apresentar-me em alguma propriedade das vizinhanças...

— Já pensei nisso e dá-se o caso de eu estar em excelentes e íntimas relações com um fidalgo, caçador exímio, que vive a três léguas de distância da propriedade onde está a minha família. As coisas marcham à mil maravilhas e em menos de um mês há-de ser meu genro.

— E Cerise será sua.

— Um mês! — murmurou o sr. de Beaupreau. — Esperar ainda um mês.

— Pois faça de modo que eu case com Herminia dentro de oito dias, e dentro de oito dias será sua a florista. Troca por troca, é o meu sistema.

— O senhor bem sabe — retorquiu o chefe de repartição — que o meu interesse é ve-lo casado quanto antes com minha filha, porque o senhor é que sabe...

— Onde estão os doze milhões, é verdade. Mas o acaso às vezes pode muito, e quem me diz a mim que o homem que é hoje o possuidor dessa fortuna, e procura encontrar a pessoa a quem ele pertence, não o descobre ao senhor, sem precisar da minha intervenção?

— É verdade — murmurou o sr. de Beaupreau, vencido pela lógica deste argumento.

— Ora — prosseguiu sir Williams com a insolência de um criado de comédia — se isso sucedesse e eu lhe tivesse já entregado a florista, era possível que o meu caro sogro procurasse um outro genro para desfrutar à vontade os doze milhões.

— Esquece-se de que sou seu cúmplice?

— Não, mas duas garantias valem mais do que uma. Ora, um homem como o meu sogro, que tem a cabeça cheia das bossas de todas as paixões violentas é capaz talvez, de afrontar a desonra as galés e o ridículo, para alcançar dinheiro, muito dinheiro; mas é também capaz de sacrificar esse ouro ao amor de animal feroz que lhe alimenta o coração. Eu quero que me sirva com um zelo absoluto e não com a indiferença de um cúmplice. Quero em primeiro lugar casar com Herminia,

e dou-lhe a minha palavra que possuirá Cerise no dia do meu casamento. — Ainda que eu tenha de empregar a violência, Herminia será sua mulher.

— Conto com isso — respondeu sir Williams.

E acrescentou:

— Então posso ir à Bretanha, não é verdade?

— Já, se quiser.

— Não, tenho que fazer em Paris por alguns dias. O meu caro sogro, porém, é que deve pedir uma licença ao ministro e ir reunir-se a sua mulher. Depois de lá estar, mandar-me-á boletim diário do estado moral da minha noiva, e irá dispor-a em meu favor.

— Muito bem — respondeu Beaupreau.

— Agora — disse o gentleman — quer ver o meu palácio e as minhas cocheiras? Comprei ontem uma égua irlandesa lindíssima: tem quatro anos e é uma estampa. Tenho também uma carruagem de caça que é uma jóia. A primeira vista parece um simples phaeton, mas tocando em uma mola o assento de trás que é destinado a um criado, abre-se, e fica sendo uma espécie de caixa descoberta onde se podem acomodar dez a doze cães.

— Se o senhor é amante da caça — disse Beaupreau — a sua apresentação na Bretanha é ainda mais fácil.

— Grande amador — respondeu laconicamente Williams, saltando da cama sem chamar o criado de quarto. Em seguida vestiu umas calças e um roupão, e disse:

— Venha, meu sogro, quero que faça uma boa opinião do gosto do seu futuro genro.

Sir Williams levou o sr. de Beaupreau a todos os quartos mostrando-lhe tudo minuciosamente. Depois desceu às cocheiras, e tendo-lhe feito examinar tudo, despediu-o com toda a cortesia dizendo-lhe porém como ordem formal:

— O meu caro sogro deve pedir hoje a tal licença, e partir esta noite para a Bretanha.

(Continua)

BRISAS do GUADIANA

Formas «evoluidas» de fazer «turismo»

Um rapaz moreno, de 22 a 23 anos, modos insinuantes e barba à moderna, estilo «passa-piolhos», chegou há dias ao escritório de uma importante empresa de Vila Real de Santo António e perguntou pelo chefe de serviços. Presente este, pediu para falar-lhe em particular, no que foi prontamente atendido, e passou a expor-lhe a situação, que era mais ou menos a seguinte: um seu amigo, súbdito italiano e grande comerciante, acabava de realizar uma exposição e venda dos seus artigos no principal hotel de Monte Gordo, artigos quase todos, pois eram-lhe concedidas facilidades nas Alfândegas, qualquer coisa como imunidade diplomática. Desejava porém desferir-se de toda a mercadoria, para regressar a Itália, de onde pensava trazer novo carregamento dentro de cerca de dois meses.

Curioso, o chefe do escritório amiu em ver a «coleção», e daí a momentos apareceu-lhe o «italiano», de 28/29 anos, também moreno, com pronunciado sotaque mas sabendo e entendendo algumas palavras de português. Abriu a mala e começou a expor o que levava: qualquer coisa como toalhas de banho, grandes, a 750; pastas dentífricas estrangeiras a 250; cremes para a barba, a 150; sabonetes pela mesma bitola, etc. Segundo o acompanhante, trouxera também transistores pequenos, já vendidos a 50\$00 e contava trazer maiores, dos bons, para venda a 200\$00.

Criou-se assim um clima de maravilhosa barateza, de pechincha caída do céu, até que os vendedores, com modos muito misteriosos, ajudaram ao melhor artigo que vendiam: uns cortes de fato de pura lã inglesa, indeformáveis, garantidos pela marca do tecido em que até se via a coroa britânica. E logo apareceram quatro cortes de fato, valendo mais de mil e quinhentos escudos cada, mas para os quais, dada a urgência na saída do «italiano», se aceitava o preço mínimo global de dois mil escudos. Retorquiu o eventual comprador, dando-se logo conta da origem dos «negociantes», que apenas lhe interessaria um fato, mas aqueles não desistiam da venda em conjunto e daí a pouco um quinto fato era oferecido, sem aumento de preço, enquanto o mais jovem segredava ao chefe de escritório que se insistisse, até lhe seria oferecida a mala do «italiano».

Era sábado, estava-se na hora da saída, e o visitado lá se desvenenciou dos visitantes o mais diplomáticamente que pôde, mas com grande dificuldade, pois o «diplomata» de Itália já

se lhe ajoelhava aos pés, pedindo-lhe para lhe valer na emergência, por haver marcado o bilhete do regresso e de-sejar desfazer-se de toda a mercadoria. Na tarde, o chefe de escritório quis dar uma saltada a Alentejo e lá foi encontrar, correndo animadamente vários estabelecimentos e, brincando como garotos, o «italiano», já sem sotaque, e o seu companheiro que dava pelo nome de Carlos, os quais, sempre brincalhões e ignorando deliberadamente a presença do quase cliente, regressaram a Portugal horas depois, talvez com mais uns dentífricos, sabonetes, cremes, toalhas ou fatos, para continuarem na alegre tarefa de vigiar o próximo.

Não haveria forma de deitar a mão e aplicar severo correctivo a estes jovens ciganos, treinados na adobrante e que tantos prejuízos causam, não só à gente simples das pequenas terras, tão fácil de «levar», como até em vilas e cidades de movimento?

Entretanto, aqui fica o aviso, a prevenir algum mais tentado a cair na «esparrela» dos fatos ingleses, em que tantos têm já caído.

O TRANSITO EM VILA REAL DE SANTO ANTONIO

Devido às operações de desratização que se têm vindo a processar em Vila Real de Santo António, as tampas dos colectores de esgotos são frequentemente levantadas, pelo que deixaram de estar tão bem ajustadas ao piso das ruas como antes daquelas operações. Os ligeiros desajustes que agora se verificam, fazem com que algumas tampas fiquem em vazio, e rachem, ou quebrem as de pedra, à passagem sobre elas dos veículos pesados.

Uma dessas tampas, próximo da Fábrica Parodi, na Avenida da República, fora retirada há bastantes dias, talvez porque se houvesse quebrado e não existisse outra de momento para a substituir. Em seu lugar colocou-se um bidão vazio, caído de branco, destinado a evitar que qualquer incauto se precipitasse no buraco do colector, ou que este prejudicasse o trânsito de veículos, que ali é grande.

Acontece que a própria branquidão do bidão contribuía para torná-lo pouco visível para quem lá circulava de noite, e mais de um automobilista com ele esbarrou, sofrendo prejuízos de monta pela quebra de faróis e por diversas amolgadelas.

Não seria possível aplicar uma pincelada de tinta fosforescente nos bidões que de futuro fossem colocados na via pública, de modo a pô-los mais à vista e a evitar choques e outros aborrecimentos.

A conflúncia da Rua Eça de Queirós para a Rua do Conselheiro Frederico Ramirez, continua, como algumas outras, a pedir um sinal de «stop» que alerte quem por uma ou outra transita.

O movimento é extraordinário, e embora haja muita gente que se não preocupa com os «stops» não há dúvida que a maior parte se preocupa. Assim, não estaria de mais a colocação desse sinal de aviso, numa ou noutra daquelas ruas e no ponto onde se cruzam, pois talvez com isso se evitassem prejuízos de ordem material, e até fracturas de pernas, braços ou crâneos, de que depois ninguém teve a culpa.

Há em Vila Real de Santo António três ou quatro cruzamentos com movimento intenso de veículos e onde os engarrafamentos são agora frequentes. Não seria possível ajudar o trânsito que por eles se verifica, colocando-lhes, à falta de melhor, espelhos côncavos?

S. P.

CRÓNICA DE PORTIMÃO

por Candelas Nunes

A la minuta (III)

7. DIGO e repito: isto não está certo, e peço para o caso a atenção de todas as polícias das praias, a começar pelos digníssimos cabos-de-mar que têm com certeza mais que fazer do que multar chapéus-de-sol.

Está a gente, não digo na Rocha, que ali talvez se cumpram os regulamentos, mas no Vau ou nos Três Irmãos (praias que cada vez vêm sendo mais frequentadas, agora que a Rocha continua a engordar), está a gente de molho repimpada no banho domingueiro, ali com água pelo peito que os dotes natatórios não dão para mais, quando, invariavelmente, um ou outro mais ou menos alarde dos que se pavoneiam com seus motores fora de bordo nos atira às ventas os gases podres de escapes sujos, misto de alcatrão, lixo e não sei que mais.

Ora é preciso que se não sonegue esta elementaríssima reivindicação do Zé Banhista:— há que acabar definitivamente com prática de motonáuticas, skis e quejandos nas zonas de banho tanto porque constituem um perigo evidente, como porque é direito de qualquer cidadão com as quotas em dia respirar o todo das praias sem mistura de gases corrosivos, como são os do escape do out board que qualquer Zé Palerma comprou a prestações.

Até há legislação sobre isto. Pois que se aplique também às praias selvagens do Vau, João de Aréns ou Três Irmãos, intensificando-se a fiscalização contra as poucas dezenas de infractores para quem a sua realíssima gana vale mais do que o sossego, saúde e prazer de centenas ou mesmo milhares de pessoas, crianças incluídas.

Não se amofinem entretanto que os mandemos fazer motonáuticas para o raio que os parta! Que nos deixem em paz, no molho quente, respirando todo. Para cheirar os vapores da combustão de carburantes já bastam as cidades poluídas. E se bastam!...

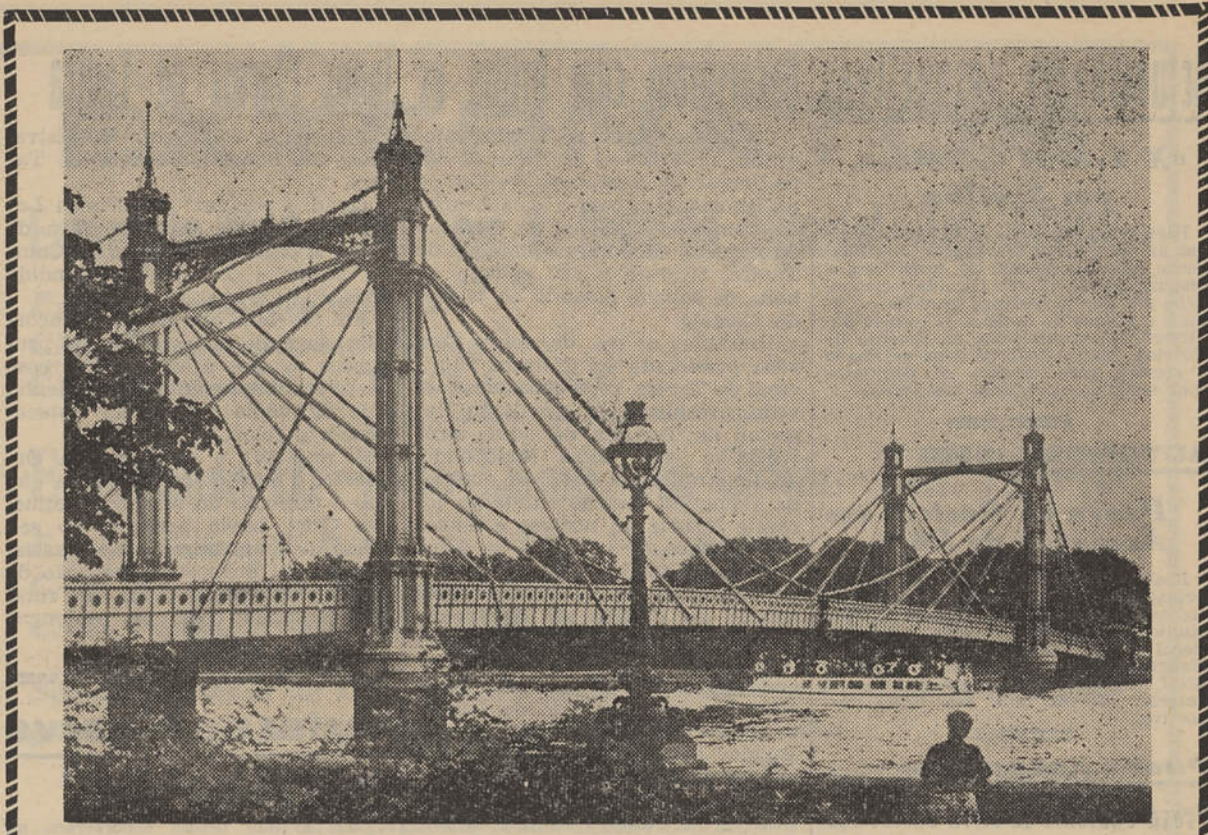
8. DIGAM o que disserem, esta coisa dos telefones em Portimão vai de mal a pior. A medida que se caminha para a automatização total da rede (a central está quase pronta e valha-nos isso!) crescem as arrelhas dos assinantes, e de tal modo que receamos que este período de transição seja catastrófico para a saúde mental de alguns de nós — os que usam o telefone por dever de ofício, e só por isso, pois quem é que arrisca a telefonar, se a tanto não for obrigado!...

Se houvesse nos C. T. T. um serviço de public relations que amenuisasse a pilula de certos telefones terem mudado de número pela segunda vez em cerca de um ano, de haver portanto duas listas para consulta e ambas desactualizadas, de se marcarem números que nos dão permanentemente o sinal de impedidos, e que verificamos mais tarde não terem falado em todo o dia, de se pedirem alhos e nos darem bugalhos com atroz frequência, de nos ligarem para chamadas interurbanas e ficarmos depois com o telefone na mão, à espera meia hora ou mais que estabeleçam a comunicação, de em certas alturas nem podermos pensar em ser nós a pedir interurbanas tão urgentes como menos de um dia de espera, etc., etc., se houvesse nos C. T. T. um serviço de relações públicas, uma voz doce e meiga, um afago, uma brisa (não confundir com brasa) que nos aconselhasse calma, descontração, paciência, que isto não vai durar até ao dia de juízo, é só mais um pouco, é só entrar ao activo a central automática—ainda vá que não vá. Mas assim, com as pobres telefonistas elas próprias saturadas, fartas, cheias até aqui de ouvir reclamações, palavras, imprecações todo o santíssimo dia, elas próprias de paciência esgotada pela guerra de nervos que mantêm com o público e as condições de serviço, sem outra delicadeza que não seja o brutal e brutalizante «V. Ex.» com que nos matam o bichinho do ouvido — assim, meus amigos, receio que quando chegarmos ao fim da maratona muitos de nós, odiemos o telefone (se o não odiarmos já) muitíssimo mais do que ao acto compulsivo de pagar a taxa da televisão.

Espero, entretanto, que alguns ainda sobrevivam. Para que se possa um dia contar como, em 1970, em Portimão (cidade turística por excelência) vivíamos a era da pré-automatização telefónica, quando odiávamos esse animal selvagem, bárbaro, caprichoso — mais tarde domesticado para prestígio e proveito da humanidade, de que nós, portimonenses, também fazemos parte. Ou não?...

AOS NOSSOS ASSINANTES

A Administração do JORNAL DO ALGARVE vai proceder à cobrança duma nova série de recibos de assinaturas, pedindo a todos os assinantes lhes dispensem o melhor acolhimento.



A Ponte do Príncipe Alberto, uma das mais importantes sobre o Tamisa, em Londres

Um algarvio na Grã-Bretanha

Um pouco de Londres por fora e por dentro (4)

por Lima Pereira

STREATHAM, nos arredores de Londres e onde se situam a residência e as instalações do Phillipa Fawcett College, um dos colégios da Anglo Continental School of English, que durante três semanas frequentamos no aprendizado da língua inglesa, é uma das várias cidades marginais de que a própria Londres se compõe, não lhe faltando largas e extensas avenidas com grande trânsito e movimento comercial, amplos armazéns onde há quase tudo o que possa desejar-se em vestuário, alimentação e decoração, muitos restaurantes e alguns cinemas e «dancings», estes com fachadas espalhafatosamente iluminadas e atractivo ambiente interior, para melhor captarem a gente nova que neles procura divertir-se durante algumas horas.

Na zona céntrica de Streatham chamou-nos uma noite a atenção um edifício de aspecto um tanto misterioso, bem decorado e com grandes espelhos à entrada, mas sem rótulo que indicasse tratar-se de cinema ou de salão de dança. Entrámos e por desabituados, quedámos-nos quase boquiabertos ante o espectáculo que se nos deparou. Numa sala grande, com luz discreta e um cenário colorido, que poderia considerar-se excitante, alinhavam-se dezenas de máquinas «caça-níqueis», umas em movimento permanente, outras aguardando freguesia que lhes desse animação, cada qual como que preparada para a tendência dos usuários, umas de maneio mais simples, em que as moedas aos poucos se amontoavam aguardando um simples toque que as pusesse «talvez» na cavidade de onde passariam para o bolso do jogador, outras com minúsculas bonecas representando bailarinas, rodopiando junto às moedas em volta dos círculos onde as mesmas, com um toque fácil, «talvez» se precipitassem. O ambiente completava-se com outras brincadeiras mais inofensivas, género baloço ou tiro ao alvo, mas o chamariz estava nas maquinetas da «limpeza», de que alguns «doentes», novos e velhos, pareciam não querer despegar-se. A moeda-base da jogatina correspondia aos nossos três tostões e a senhora encarregada dos trocos, numa cabina junto às máquinas, não parava de trocar moedas mais gradas pelas de menor valia, do tipo único admitido na «engrenagem».

Apesar destas «curiosidades», era sempre o centro de Londres que mais nos atraía e para ele convergíamos — com muitos dos colegas de estudo — quando isso se tornava possível, sabendo que o regresso de autocarro à residencial não estava garantido até certas horas da noite, que os comboios eram duvidosos, devido às greves e que os táxis saíam caros. Mesmo assim, lá fomos algumas noites, fora do plano de excursões organizado pelo Colégio, verificando que a iluminação londrina não era profusa, a não ser nas áreas de movimento mais intenso e em alguns grandes estabelecimentos, mas que todas as várias pontes que sobre o Tamisa descortinávamos se encontravam engrinaldadas de lâmpadas, o que produzia agradável efeito, puxando ao bucolismo. Estas pontes do Tamisa, iluminadas eléctrica-

mente, ou à luz do sol, são mesmo um dos atractivos de Londres, e embora nenhuma delas tenha a magnificência da de Luís XIV, sobre o Sena, de que Paris tanto se orgulha, não deixam de despertar a atenção e o interesse do visitante, quer se trate da velha Ponte da Torre, carregada de tradições, quer da do Príncipe Alberto, ou de tantas outras congéneres com que o turista amíúde e forçosamente depara, nas suas divagações pela cidade.

Nas ruas do centro londrino, o movimento nocturno chegava a ser mais intenso que o diurno, por elas continuamente cibandando milhares de pessoas, com abundante percentagem de «hippies» ricos e «hippies» pobres (assim os diferenciávamos pelos cuidados que mostravam ter na indumentária e no tratamento do cabelo e barba), que por vezes se agrupavam oferecendo «espectáculo», tal como fazem os andaluzes nas feiras ou quando vão de passeio a terras estranhas.

Uma das muitas «surpresas» que Londres nos ofereceu, embora à primeira vista sem importância, foi a da água quente canalizada. Nas casas de habitação, nas de espectáculos, nas sentinas públicas, em toda a parte, enfim, ao lado da torneira de água fria, funciona a da água sempre quente, para obtenção da qual basta «rodar o botão», como nas nossas casas acontece com a luz eléctrica. Há, evidentemente, os contadores, para medir e cobrar a água que se gasta, mas não resta dúvida de que se trata de um melhoramento de inestimável valia, sobretudo em terra como Londres, com os seus largos milhões de habitantes, pobres, ricos e remediados, e onde o clima é quase sempre «fresco», em nada se comparando com o do nosso Algarve. Escusado será dizer que ao lado das torneiras se encontra geralmente o secador a ar quente, para as mãos, ou a caixa-dispositivo das toalhas de papel para o mesmo efeito, tão diferentes da sempre húmida toalha de pano, usada entre nós em muitos estabelecimentos públicos.

Também por curiosidade visitámos duas ou três tabernas londrinas, estabelecimentos conhecidos por «pubs», abreviatura de «public-houses» (casas públicas). Embora lá não fôssemos para apreciar a qualidade dos deliciosos «nectares» tão bem descritos pelo amigo F. Clara Neves nos seus «Cantinhos de S. Brás», no Jornal do Algarve, tivemos de tomar alguns refrescos enquanto nos dávamos conta dos respectivos ambientes. Os «pubs», que têm horário restrito e onde as bebidas «populares», a não ser a cerveja, não circulam «à vontade do freguês», fizeram-nos lembrar no impecável asseio e nos móveis bem polidos, respeitabilíssimos escritórios em que houvessem posto, por exotismo, alguns barris, que também o não pareciam, pela riqueza do aspecto, e mais os acessórios indispensáveis (canecas, etc.) para servir as bebidas aos fregueses. Têm foros de solenidade as tabernas britânicas, onde parece que se cumpre um ritual, ao pedir, ao servir ou ao beber a «qualidade» desejada, ainda que à saída, geralmente, e mesmo que se haja ingerido apenas cerveja, se não consiga manter a mesma «linha» e apurmo que caracterizam a clientela à entrada.

Começa hoje na Praia da Rocha o Campeonato da Europa de Motonáutica

ORGANIZADO pela Associação Naval Infante de Sagres (A. N. I. S.), de Portimão disputa-se hoje e amanhã na praia da Rocha o Campeonato da Europa de Motonáutica (Classe SE).

O certame, que regista a presença não só de pilotos da Europa, como do Norte de África, tem o patrocínio da Comissão Regional de Turismo do Algarve e da Câmara Municipal de Portimão.

É o seguinte o programa desta importante competição, de tanto interesse não só para o desporto nacional como para o turismo algarvio:

Hoje, às 9 horas, verificação dos cascos e motores; às 10, treinos; às 11, concentração; às 12, 1.ª mão; às 16, 2.ª mão; às 22 horas, festival folclórico.

Amanhã, às 10 horas, treinos; às 11, concentração; às 12 horas, 3.ª mão; às 16 horas, 4.ª mão; às 22 horas, jantar de encerramento e distribuição de prémios.

A MAIOR FABRICA E ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MAQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA

Sede — TROFA

Filiais

Lisboa — Rua Filinto Elzino, 10 G
Portimão — Rua Inf. D. Henrique, 104

Individualidades de renome Internacional passam férias no Algarve

ESTÃO a passar férias no Hotel da Balaia, em Albufeira, o sr. Paul Martin, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros do Canadá e actual «leader» do Governo no Senado, com sua esposa; a marquesa de Jacomé Correia; duquesa de Lafões; a pintora D. Ana Maria Botelho; o general Oliver Niess, do Exército dos Estados Unidos e esposa; o sr. Mey Keyser, secretário de Estado do Governo holandês e esposa; o conde de Lalaing, banqueiro; o conde de Beaumont, banqueiro (ligado aos empreendimentos turísticos da Córsega e da Península de Tróia); o sr. L. Davis, embaixador da Austrália em Bruxelas e esposa.

Outras destacadas personalidades estão também a passar férias nos hotéis da nossa Província.

SERVICO DE SOCORROS PERMANENTE

PRONTO PARA O SERVIR A PRIMEIRA CHAMADA

OBRAS DE DEFESA DA PRAIA DE QUARTEIRA

NA Direcção dos Serviços Marítimos, da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, realizou-se o concurso para empreitada das obras de defesa da praia de Quarteira (1.ª fase), que visam uma dupla finalidade: a defesa da frente marginal e do robustecimento da praia para efeito de exploração turístico-balnear, e serão constituídas por um campo de esporões enraizados numa obra longitudinal, aderente, construindo-se nesta primeira fase, unicamente, um dos esporões; e a obra longitudinal de defesa directa da povoação. A base de licitação era de 5 000 contos e houve sete concorrentes, cujas propostas variavam entre 4 477 050\$20 e 8 513 634\$00.

....E TAMBÉM

Hotel das CARAVELAS

MONTE GORDO

FOI PINTADO COM TINTAS EXCELSIOR